

# AUTORES & LIVROS

11/1/942  
Ano II

SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A MANHÃ"  
publicado semanalmente, sob a direção de Múcio  
Leão (Da Academia Brasileira de Letras)

Vol. II  
Núm. 1

## Notícia sobre José de Alencar

José Martiniano de Alencar nasceu em 1 de maio de 1829. Era filho de José Martiniano de Alencar, político de brilhante situação na época da Independência, revolucionário ativo no movimento pernambucano de 1817. Foi seu herdeiro a cidade de Mecejana, no Ceará, região que ele havia de imortalizar no mais formoso dos seus livros.

Formou-se em direito pela Faculdade de São Paulo e logo depois iniciou a vida pública. Foi, com igual brilhantismo, advogado, jurista, jornalista, professor, parlamentar, homem de letras. Foi lente de Direito Mercantil no Rio de Janeiro, diretor de seção da Secretaria da Justiça, logo depois consultor da mesma Secretaria. Renunciando a esse lugar, que era considerado como adido à Se-

cretaria, pediu que as remunerações que lhe haviam de ser pagas fossem aplicadas no "Diário Oficial" a publicação dos seus pareceres exarados no espaço de nove anos.

No gabinete de 15 de julho de 1868 ocupou a pasta da Justiça, ali ficando até 1870. Entrou numa lista triplice para senador. Achando-se enfermo do peito, realizou uma viagem à Europa, regressando bom. Mas sua aparência de saúde era ilusória, e pouco tempo depois, no dia 12 de dezembro de 1877, ele falecia.

José de Alencar é um dos escritores mais populares do Brasil, e talvez possamos dizer que ele é o mais popular. Seu romance "O Guarani", escrito dia a dia para os folhetins de "O

Diário do Rio", entre os meses de fevereiro e abril de 1867, é um livro conhecido de toda a gente, e suas edições ainda hoje se esgotam uma a uma. De quase todos os seus livros poderíamos dizer que encontram carinho idêntico no espírito dos leitores. E o que sucede, por exemplo, com "Iracema", com a "Pata da Gazela", com os três perfis da mulher, "Diva", "Luciola" e "Senhora", com os "Sonhos de Ouro", com "Ubirajara", etc.

Espírito livre, dono de uma grande consciência de sua pátria, José de Alencar foi, em seu tempo, um campeão estrênuo da língua brasileira. Só esse aspecto de sua personalidade o sagra definitivamente ao nosso respeito, à nossa veneratione e ao nosso amor.



JOSE DE ALENCAR

## Bibliografia de José de Alencar (Organizada por Mario de Alencar)

- 1864 — "Ao correr da pena" — crônicas hebdomadárias no "Correio Mercantil" (Rio de Janeiro); 1ª edição 1874, São Paulo; 2ª edição 1888, Rio de Janeiro — B. L. Garnier, 2 vols.; 3ª edição H. Garnier.
- 1866 — "Cartas de Ig" sobre a "Confederação dos Tambores", nas colunas do "Diário do Rio", 1ª edição 1856, Tip. do "Diário".
- 1867 — "O Marquês de Paraná" — traços biográficos — Rio de Janeiro — in, 16; 35 págs.
- 1867 — "O Guarani", em folhetins do "Diário do Rio", sem nome do autor; 1ª edição, 4 vols., Tip. do "Diário"; 2ª ed., B. L. Garnier, 2 vols.; 3ª edição, 1887, (Foi traduzido em francês, alemão e italiano).
- 1867 — "O Rio de Janeiro" — "Verso e reverso" — Comédia em 2 atos — 3ª edição 1864.
- 1868 — "Cinco Minutos" — Tipografia do "Diário".
- 1868 — "Cinco Minutos" — "A vivinha" — Rio de Janeiro — 2ª ed. 1865, B. L. Garnier.
- 1868 — "O demônio familiar" — Comédia em 4 atos — 2ª edição 1864; 3ª, 1903.
- 1869 — "Mãe" — drama em 4 atos — 2ª edição 1866; 4ª edição, 1897.
- 1869 — "A noite de São João" — libretto de comédia lírica.
- 1869 — "As asas de um anjo" — Comédia em 4 atos, prólogo e epílogo; 2ª edição 1865.
- 1869 — "Carta aos eleitores do Ceará" — 20 pp. in fol.
- 1869 — "Luciola" — 6ª ed. 1895.
- 1869 — "As asas de um anjo" — 1ª vol. (Biblioteca Brasileira).
- 1869 — "Diva" — 3ª ed. 1873; 6ª ed. 1895.
- 1869 — "Iracema" — Tipografia Viana; B. L. Garnier

- 1870, 1875, 1876, 1894, 1873 — "Guerra dos mascates", 2 vols., B. L. Garnier; 2ª ed., 1896.
- 1870, 1895, 1910. (Foi traduzida para inglês por Isabel Burton, London, 1886; e por Norman Biddell, 1921; e para alemão, em verso, por Von Düring, Hamburg, 1888).
- 1870 — "As minas de prata" — 6 vols.; 2ª ed. em 3 vols. 1877; 1896.
- 1870 — "Cartas de Erasmo" — 1ª, 2ª e 3ª ed.
- 1870 — "Página de atualidade" — "Os partidos" — Panfleto anônimo.
- 1870 — "O júbilo de Deus" — Panfleto anônimo. Rio de Janeiro.
- 1870 — "A corte do leão" — Panfleto, Rio de Janeiro.
- 1870 — "O Marquês de Caxias" — Biografia — Rio de Janeiro.
- 1870 — "Uma tese constitucional — A princesa imperial e o príncipe consorte no Conselho de Estado" — in 4º — 16 pp., Rio de Janeiro.
- 1870 — "O sistema representativo" — B. L. Garnier.
- 1870 — "A expiação" — Comédia em 4 atos — Rio de Janeiro — Crux Coutinho.
- 1870 — "Relatório do Ministério da Justiça".
- 1870 — "Discursos proferidos na Câmara e no Senado, na sessão de 1869" — São Luiz do Maranhão.
- 1870 — "Gaúcho" — 2 vols., B. L. Garnier. 2ª ed. — 1903.
- 1870 — "A pata da gazela" — B. L. Garnier.
- 1871 — "O tronco da ipê" — 2 vols., B. L. Garnier — 1913.
- 1871 — "A viagem imperial" (Discursos) — Tip. de J. Villeneuve.
- 1871 — "Discursos" proferidos na sessão de 1871. Tipografia Perseverança.
- 1871 — "Sonhos de Ouro" — 2 vols., B. L. Garnier — 2ª ed. 1869; 1920.

- 1871 — "Guerra dos mascates", 2 vols., B. L. Garnier; 2ª ed., 1896.
- 1871 — "Voto de graças" — Discurso que devia proferir na sessão de 20 de maio — Tip. Pinheiro.
- 1871 — "Alfarrábios" — 2 vols., B. L. Garnier, 2ª ed.
- 1871 — "A reforma eleitoral" — Discursos.
- 1871 — "O novo cancionário" — Cartas a um amigo — No jornal "A República".
- 1871 — "O vate bragantino" — Cartas no jornal "A República".
- 1871 — "Til" — em 4 vols., B. L. Garnier; 2ª ed. 1897. 3ª ed. 1900.
- 1871 — "Ubirajara" — Lenda tupi — B. L. Garnier, 2ª ed., 1895; 1899. (Foi traduzido para alemão por Hoffmann.)
- 1875 — "Senhora" — 2 vols., B. L. Garnier; 4ª ed. — "O Jesuíta" — Drama 1895; 1907.
- 1875 — B. L. Garnier; 3ª ed. 1900. (Foi traduzido em inglês por E. R. De Brito, 1921).
- 1875 — "Aos domingos" — Folhetins no "O Globo".
- 1875 — "O sertanejo" — 2 vols., B. L. Garnier; 3ª ed. 1895.
- 1877 — "Encarnação" — romance, em folhetins no jornal "Folha Nova"; ed. 1892; 2ª ed., 1909.
- 1877 — "A festa macarrônica" — Panfleto político — Rio de Janeiro.
- 1877 — "O protesto" — Jornal de três, periódico mensal — in, 4º.
- 1882 — "A propriedade" — 209 pp. B. L. Garnier.
- 1883 — "Esboços jurídicos" — 239 pp. B. L. Garnier.
- 1883 — "Como e porque sou romancista" — Tip. Leuzinger.
- 1895 — "O crédito" — Comédia em 5 atos representada em 1856, publicada na "Revista Brasileira".

## SUMÁRIO

### PAGINA 1:

- Notícia sobre José de Alencar
- Bibliografia de José de Alencar (Organizada por Mario de Alencar)
- Sumário.

### PAGINA 2:

- Três estudos de João Ribeiro sobre José de Alencar. I — O dia de Alencar; II — As Minas de Prata; III — José de Alencar e a linguagem diferencial do Brasil.

### PAGINA 3:

- Post-scriptum do romance Sonhos de Ouro — José de Alencar.

### PAGINA 4:

- Algumas páginas de Guarani.

### PAGINA 5:

- Algumas páginas de Iracema
- Uma página de O Sertanejo.
- A seca no Sertão.

### PAGINAS 6 e 7:

- José de Alencar, poeta. Os Filhos de Tupan. — A Guerra.

### PAGINA 8:

- A estátua de José de Alencar. — Discurso de Machado de Assis, na cerimônia de sua inauguração.
- Emílio de Figueiredo — Duas poesias de José de Alencar. — Estrela da Tarde. — Zélos.

### PAGINA 9:

- José de Alencar, político. — Carta ao Imperador
- O Pampa, de José de Alencar.
- Correspondência de escritores. Carta de José de Alencar a Leonel de Alencar.

### PAGINA 10:

- José de Alencar, jornalista. —

### A Agricultura

- José de Alencar, orador. — Discurso sobre a viagem imperial.

### PAGINA 11:

- José de Alencar no conceito dos seus contemporâneos. — Apreciações de Francisco Otaviano, Pedro Luis, Saldanha Marinho, Quintino Bocaiuva, Visconde de Taunay, Barão de Paranapiacaba, Bittencourt Sampaio, Guimão Lobo, Ferreira de Araújo, André Rebouças, José do Patrocínio, Tito Franco, Emílio Zaluar, Frederico Rego, França Junior, Afonso Celso, Carlos de Laet, Lino da Assunção, Machado de Assis.

### PAGINA 12:

- José de Alencar, teatrólogo. — Mãe (Cena final do ato terceiro).

### PAGINA 13:

- Henrique Refe, de Múcio Leão
- O Intermezzo, de Heine
- Efemérides da Academia.

### PAGINA 14:

- Pensando em Dante, de D. Milano
- A margem da crítica do sr. Alvaro Lins sobre Chape nos Campos de Cachoeira, de Dalcídio Jurandir
- Salvador de Mendonça e a arbitragem obrigatória, de Ernesto Feder.

### PAGINA 15:

- Curso de estudos da Amazônia. Segunda aula. Professor Angione Costa. Prehistória e arqueologia amazônica
- José, poema de Carlos Drummond de Andrade, com ilustração de Osvaldo Goeldi

### PAGINA 16:

- A vida é de cabeça baixa, de Alvaro Moreyra
- A colaboração de Filobibliom. Achado n.º 3.

# Três estudos de João Ribeiro sobre José de Alencar

I

## O DIA DE ALENCAR

Hoje, 1º de maio, é o dia de José de Alencar. Todas as folhas da manhã publicam extensos panegíricos do grande escritor, reproduzem autógrafos e retratos na comemoração do centenário daquele que foi o mais popular e o mais lido dos nossos romancistas.

Grande parte, porém, da sua fama, no meu entender, deriva da importância política do escritor.

No Brasil, dominam em qualquer sentido os políticos e dominam em todas as coisas em excetuar o canhestro e solitário recanto da literatura.

Só há um meio de ser gente, é de subir na estampa pública: é o de subir os degraus do poder.

A literatura é um ofício do "pis aller", mais adaptável às vagabundagens do espírito.

Esses "faleantes" das letras não sempre despojados e usurpados pelos mordomos da coisa pública.

Não fosse Alencar deputado e ministro, jamais conseguiria a admiração universal dos sábios e dos bobos.

O mesmo aconteceria com Rui Barbosa. Certo é que um e outro devem a perpetuidade dos seus nomes ao fulgor das letras; mas esse fulgor empalideceria se não tivesse a espéssura da aureola de estadista.

E tanto assim era que os homens de grande talento no outro tempo, não usavam contar-se com a peste literária, quando tinham e entretinham as musas e a ambição política. Otaviano, Pedro Luiz e de lá até Luiz Delfino não quiseram jamais publicar os versos que logravam a admiração discreta dos amigos.

José de Alencar que nada tinha de tímido, e era, pelo contrário, um espírito combativo e de absoluta coragem, cedeu a essa repugnância geral.

Os seus livros apareceram, logo que teve nome político, com disfarçados pseudônimos.

O "Guarani", o livro que alcançou a maior popularidade, apareceu em folhetins anônimos.

Os "Perfis de mulher", "Lulão", "Divã", "Senhora", tratam as iniciais "G. M."

O "Gaúcho", o "Tronco do Ipê", "Sonhos de Ouro", a "Guerra dos Mascates", trouxeram o pseudônimo de "Benio".

Era evidente a incompatibilidade que existia entre o homem público e o literato.

Todos sabiam que esses romances eram da pena de José de Alencar, e, todavia, era-lhe mais agradável subverter um livro de frioleiras jurídicas e políticas que não podiam comprometer as suas atitudes de político.

Hoje em dia não estão mudadas as coisas.

Homens que nada temem que ganhar nem perder nas altas esferas, como era o caso de Machado de Assis, podem sem desdouro assumir as responsabilidades perigosas do exercício das letras.

Entretanto, os políticos e estadistas são esquecidos no primeiro decênio póstumo. É o próprio Alencar desapareceria de todo se não tivesse a sustentação dessa magnífica prole pseudônima dos seus romances.

E assim aconteceria ao próprio Rui Barbosa que lograva quando muito a palma enfeada de jornalista ou de gramático.

José de Alencar tem mercenariamente duas estátuas. O Rio, pátria enorme de Machado de Assis, apenas lhe consagrou uma herma em um dos seus jardins.

É certo que Machado de Assis não quereria mais e nem tanto. Em breve terá a imagem esculpida num intercolúmbio do "Petit Triunfo".

E aí tudo acabou.

Enfim, se a memória dos homens só se realiza pela palavra e pelo pensamento, aos gênios literários caberá sempre o maior quinhão de glória.

Essa, ganhou-o Alencar com o mesmo direito que glorifica o seu grande sucessor Machado de Assis.

("Estado de S. Paulo" — 7-5-1929).

II

## AS MINAS DE PRATA

No Brasil a parte de romance é considerável. No outro tempo havia a crença em lagos interiores donde saíam caudalosos rios, por toda a parte árvores de vidro, monstros incríveis e homens ainda mais indignos de crédito.

A lenda substitua a realidade, principalmente a lenda de tesouros e de riquezas ignoradas.

Hoje não tanto; mas, a fábula de grandezas ainda é mais considerável que a da realidade.

Basta que um Moisés toque o rochedo com a vara encantada e logo mana a prodigiosa abundância de todas as coisas.

Pelo menos essa fantasia desordenada serve para alentar o otimismo crédulo das gentes e favorecer a inventiva dos romancistas e contadores de história.

Um exemplo dessa facúndia é a mágica história das "Minas de Prata".

Desde o tempo de Walter Scott a moda foi de escrever romances históricos. A historicidade das narrativas pouco a pouco foi desmerecendo, bastando apenas que os personagens, a cor local e um ou outro fato caracterizasse a época e o cenário.

Era já a decadência do romance rigorosamente histórico, difícil de escrever e sempre inclinado e vicioso anacronismos e a erros inevitáveis.

Bastava ao romancista aproveitar as linhas gerais de acontecimento remoto; mais ou menos vago sob a espécie de lenda ou de tradição geralmente aceita.

Os temas mais favoráveis eram naturalmente aqueles que a história deixava indecisos ou incertos, porque mais se prestavam à imaginação e não comprometiam a verdade.

Um desses temas foi o das "Minas de Prata" explorado por José de Alencar.

Pouco se sabia dessas famosas minas e essa dubiedade, escassez e incerteza favoreciam a inventiva do romancista. O fato ou lenda era do século XVI e para autenticar a narrativa bastava apenas o estudo superficial do vocabulário quinhentista, algumas noções da colonização primitiva dos portugueses na Baía, o cenário dos alorais principais do drama.

O que se sabia ao certo acerca dessas "Minas de Prata" era quase nada e esse pouco, envolto em misterioso véu quase impenetrável.

José de Alencar não ignorava que os antigos colonos desde o primeiro povoamento tinham em vista a pesquisa do ouro e das pedras preciosas e com esse intuito realizavam "entradas" pelo interior do país, revelando a geografia ainda ignorada, o curso dos rios, a existência de tribos indígenas que friamente escravizavam e eram um pequeno lucro na ausência dos metais que procuravam.

A fábula das "Minas de Prata" resulta de uma conjectura até hoje não verificada da exploração de Roberto Dias que se estabeleceu em Jabery em um aflúente do Rio Real, onde tinha uma fazenda de criação. Este sítio de Jabery ficava em Sergipe no lugar que é hoje a cidade de Campos. Era um homem ativo, empreendedor e talvez um visionário tal era a con-

dição que assaolhava: de haver descoberto ricas jazidas do metal precioso na serra de Itabaiana.

Roberto Dias era filho de Belchior Dias, descendente do lendário "Caramuru" e da esposa índia Catarina de Paraguaguê que entrou mais tarde no poema épico de Santa Rita Durão, por graça da tradição que tornou fidalga toda a descendência desse herói da fundação da Baía.

Como quer que seja Roberto Dias, nunca, ao que se saiba, comunicou a descoberta das minas. Internado no sertão e orgulhoso da sua prosápia de nobreza "Caramuru" através do seu progenitor Belchior ou Melchior Dias, provavelmente visitou a soberba serra de Itabaiana que domina toda a capitania de Sergipe del Rei desde o mar até os seus mais alongados confins.

O panorama é realmente esplêndido e já teve a ventura de destruí-lo sob o céu glorioso da minha terra.

Mas, a existência de ouro, prata ou pedras preciosas nunca se averiguou até agora. Como quer que seja, acreditava-se que Roberto Dias escreveu um itinerário ou "roteiro" que guardou secreto e tentou negociá-lo com o governo da Baía ou de Madrid.

Nada conseguiu e nada se sabe ou nunca existia. A verdade é que o pai de Roberto Dias esteve preso na Baía por qualquer motivo ignorado durante dois anos conseguindo a liberdade com o resgate de nove mil cruzados.

Roberto, filho de Belchior Dias e Catarina Paraguaguê, teve por mãe uma índia do Geru, lugar não distante de Jabery em Sergipe.

Eis tudo quanto se sabe e José de Alencar sabia muito menos ao urdir o seu famoso romance das "Minas de Prata".

A Fazenda de Jabery foi arrendada em 1636 quando Roberto abandonou o teatro das suas explorações mineiras.

Provavelmente levou dali sua mãe a índia Lourença. E ainda um fato que auxilia as tropas do conde Bagnuolo quando este diante da vitória dos holandeses se retirava para o sul.

Essas migalhas fragmentárias e colhidas na história e na tradição serviram para a arquitetura do romance de José de Alencar.

Havia lacunas e hiatos a preencher e para a urdidura e trama de um romance convinha idealizar uma história de amor.

O historiador exige documentos, mas o romancista contenta-se apenas com o estímulo inicial de qualquer história.

O mais provável é que essas famosas minas nunca existiram e se existissem hoje seriam descobertas e conhecidas. A terra é pequena e inteiramente vasculhada em seus caminhos para o sertão.

Como quase todo o norte apenas uma pequena faixa litorânea e baionável para o homem sedentário, o resto é um imenso deserto safário e ingrato.

Nada impede que se ergam castelos fantásticos na desolação da paisagem e até parece que o deserto provoca a fantasia dos poetas, como no antigo oriente.

Sergipe deve tudo ao litoral e nada ao sertão, onde nem sequer o gado prospera, vitimado pelas secas e pela aridez do solo.

É preciso atravessá-lo para chegar ao curso majestoso do São Francisco onde há pelo menos água para mitigar a sede, o peixe para a alimentação frugal e um pouco de umidade para a vegetação.

As "Minas de Prata" da história são, como as "Minas de Prata" do romance pura fantasia e miragem perpétua do deserto.

(Rev. Souza Cruz) — Janelão de 1933).

III

## JOSE DE ALENCAR E A LINGUAGEM DIFERENCIAL DO BRASIL — AS CRITICAS QUE SOFREU DOS DEFENSORES DA LINGUA PORTUGUESA CONTRA AS TENDENCIAS DA LINGUA NACIONAL AMERICANA

O estudo da língua portuguesa no Brasil envolve larga matéria de erudição filológica. Queremos apenas, hoje, no centenário do mais nacionalista dos nossos escritores, apontar em breve síntese as principais acusações que lhe fizeram.

O mais acérrimo dos seus críticos foi um português ilustre que vivia no Brasil. José de Alencar justificou-se, fundado principalmente no direito que temos e que osusamos ter falando e escrevendo a linguagem transplantada para o Brasil e naturalmente sujeita às modificações do novo ambiente.

As principais censuras encontram-se numa publicação periódica, as "Questões do Dia", e delas é que vamos tratar sumariamente.

As "Questões do Dia" encerram a maior parte da polémica do lado dos adversários de José de Alencar. Eram as "Questões" curiosos panfletos de política e literatura de que fora redator principal José Feliciano de Castilho, homem de erudição muito segura mas escritor sem muito relevo, prolixo e fatigante. Aqui viveu José Feliciano com dudoso emprego das suas letras, redigindo relatórios de ministros ignorantes ou que desejavam parecer corretos quanto à vernaculidade dos seus míseros aranzais oficiais. Como quer que seja gozava de grande conceito e não pouco talvez contribuiria para o seu prestígio o ser irmão do grande Castilho (Antonio), o prosador e o poeta de grande reputação em Portugal e no Brasil.

Nas "Questões" para combater a literatura "incorreta" e nacionalista de Alencar ajuntava-se a José Feliciano um brasileiro de algum mérito, Franklin Tavora, que usava o pseudônimo de "Sempronio" em epístolas dirigidas a "Cincinato" (José Feliciano).

Ambos os críticos pela veemência dos seus libelos concorriam para exaltar a atitude de José de Alencar, que os menos prezava amargamente, tendo-os a conta de charlatães, impotentes zollos e criaturas odiosas e insignificantes.

Como quer que se considere o valor de tais críticos, a parte de José Feliciano era a mais lida e proveitosa, porque quase toda ela se resumia em correções da "linguagem brasileira" considerada espúria e nos neologismos do autor de "Iracema".

Essa agressão durou um ano inteiro de 1871 a 1872, nos cinquenta números do panfleto literário e político das "Questões". Franklin Tavora censurava o entrecabo dos romances, a fantasia desordenada do nosso romancista e dava-o como discípulo grosseiro de Chateaubriand, de Gustavo Almad e de Fenimore Cooper, de quem adulterava, copiava e estragava as idéias fundamentais. A injustiça e a sem razão dessa crítica maligna desproporcionada e inepta era ou parecia ser mais o produto de incoerência inveja do que a visão serena da justiça e equidade.

Prudentemente evitava Franklin Tavora as questões de linguagem que não tinha autoridade alguma.

José Feliciano, pelo contrário, apegava-se à crítica dos fatos da língua, fazendo da portuguesa europeia, como ainda hoje se faz, o padrão modelar da expressão, mesmo no Brasil.

Por isso mesmo, a sua crítica parecia a todos a única proveitosa. No Brasil e naquele tempo "escrever bem" não seria ao-

não escrever segundo os cânones europeus. Herculano e Castilho davam as normas e o mesmo Garrett seria suspeito ao escrupuloso purismo dos dois primeiros.

Desde então pode afirmar-se que foi desnuda a "atitude" dos escritores brasileiros mais independentes.

E, por isso, é que vamos apontar algumas das censuras mais interessantes de José Feliciano de Castilho. Outras versam sobre "neologismos" literários.

O primeiro a romper a contenda foi Franklin Tavora, que estranhou certas novidades de Alencar que lhe pareceram infelizes e que achamos agora bem afortunadas: "hinillo" (do cavalo), o "afillar" (da fronde das palmeiras; vozes clássicas).

José Feliciano ("Questões" IX) nota o abuso de "imenso", o "imenso orbe" e a "imenso planície", e foi essa a sua escória de futilidades. Al condena o verbo novo "estringir" na frase: "A funda tristez que estringe a alma". Quem é em português esse senhor "estringir?" pergunta José Feliciano com o tom de mestre escola.

Em seguida passa à questão dos pronomes, que desde então se tornou o forte dos vernaculistas. José Feliciano não suportava a má colocação dos pronomes e documenta em Alencar: "que giro-lhe em torno da cabeça", "o suor que alagava-lhe o corpo", "cuja estampa desenhava-se", etc.

Não devemos aqui dissimular que José Feliciano conseguiu de fato o melhor do seu combate. No Brasil a questão dos pronomes (ainda não literalmente resolvida) encaminhou-se para a solução que o escritor português indicava e aliás sem impertinência.

De fato ele escrevia a este propósito "há aqui uma desculpa se há culpa: é este seu dizer (de Alencar) assaz frequente no Brasil e característico dos mais seguros para se afirmar 'prima facie' ter uma obra portuguesa sido aqui escrita".

Há nessa mil sensata afirmação duas coisas a notar: primeira que não há culpa sendo o modo geral de expressão no Brasil; e em segundo lugar, José Feliciano assegura que uma "obra portuguesa" pode ser "aquí" escrita.

Na realidade os seus discípulos foram e são da mais desenfreada incontinência. Não admitem vacilações na matéria.

José Feliciano expõe algumas regras da topologia pronominal: a anteposição do pronome oblíquo nas orações de que, nas adverbiais de não, nunca, sempre, etc., e a posposição quando o verbo começa a frase: conheço-te, vou-me embora. Poucas regras, de fato; mas são as melhores e quase únicas. Condena o vocabulário fazeiro e fazeira, alias, vozes antigas portuguesas no sentido de galante e gentil. Hoje, porém, para os portugueses fazeira é a "carne das facas do boi" como diz o Moraes.

Também não lhe parece bem a "expressão de recolho" que é uma má tradução de recolhimento.

Censura a antístrofe do se em "percebe-se uns reflexos".

José Feliciano achava que a guerra aos clássicos era uma espécie de manifesto da raposa, inimiga da uva. Alencar respondia-lhe enfaticamente: "O velho estilo clássico destoa no meio destas florestas seculares, destas catadupas formidáveis, destes prodígios da natureza virgem que não podem sentir as musas gentis do Tejo e do Mondego".

Depois censura o mau emprego de carcer (Questões, XVII), do mais em vez do já e os inumeráveis galicismos de um... um... um a adjectivar todos os substantivos: uma brisa, um sopro, uma dávida, etc., sem parcimônia.

A isso Alencar opunha acri-



# Post-scriptum do romance "Sonhos de Ouro" — JOSÉ DE ALENCAR

Na quinze dias teve Ricardo de assistir a uma vitória, em questão de terras, para o lado de Jacarepaguá.

Na volta lembrou-se de visitar D. Joaquina, a quem não via desde muito. Achou a casinha e a dona no mesmo estado: velhas como as deixara, mas contentes e sossegadas.

A tia de Fabio recebeu o advogado com muita festa e agasalho; perguntou notícias do menino e da nova sobrinha; e pediu a Ricardo que lhe mandasse muitas e muitas recomendações, quando escrevesse.

Eram duas horas. Já D. Joaquina tinha jantado; mas havia carne assada e improvisou-se uma fritada, que Ricardo aceitou de bom grado, para ter o prazer de passar com a velha o resto da tarde. O advogado cunha com apetite; e não trocou o copo d'água cristalina, que bebeu depois do melado, pela mais esquisita champagne.

— O senhor é que ainda não quis casar? disse D. Joaquina, preparando-lhe uma chavena de café.

— Creio que fiquei para tão; disse Ricardo sorrindo.

— Qual... A dificuldade é encontrar a algum peixinho que lhe ponha felício; como um que veio aqui o outro dia.

— Não tenha receio, trago uma foga, duas foga, que me ilham do quebranto; tornou Ricardo no mesmo tom.

— Deixe ver; disse a velha.

Estão lá dentro, no coração. A velha riu-se. E o advogado acendendo o charuto saiu a dar uma volta de passeio a pé, enquanto se ia buscar ao pasto o "Galgo", que naturalmente andava também matando saudades, pois desde muito tempo residia na corte à Travessa do Espírito Santo n. 19, cocheira do Viana.

Tornou Ricardo pelo mesmo caminho em que à primeira vez o encontraramos, e não tinha dado vinte passos que as recordações de outros tempos surgiram para envolvê-lo como o aparato de uma cena armada de improviso.

Ouvir tropel de animal; reconheceu o "Galgo"; viu passar Fabio; trocou palavras com ele; perdeu-se entre os tufo do arvoredo; sentiu o sobressalto

que tivera outrora, despertado por um riso argentino; e contemplou com entusiasmo de artista, e um enlevo que então não sentira, o gracioso vulto da gentil amazona.

Depois correram as vistas novas cenas sucediam-se; e a imaginação as povoava de recordações vivazes, que então pareciam extintas.

Este volver ao passado incomodava Ricardo, que pensou escapar-lhe fugindo aquele sítio.

Ao voltar uma curva descobriu duas senhoras, que se aproximavam lentamente pelo mesmo caminho; e qual não foi o seu espanto reconhecendo Guida acompanhada de Mrs. Trowsky.

Desde certo tempo a saúde de Guida se alterara. Não se queixava, nem tinha mesmo incomodo ou mal determinado. Perdera a alegre vivacidade; e sentia invadi-la um abatimento indefinível. Sua vida nos meses últimos não era mais do que um leno deliquio; parecia-lhe que estava desmaiada. As flores, se é que tem sensibilidade, devem experimentar uma impressão igual quando murcham.

Ultimamente o desfalecimento chegara a ponto de inquietar a família; os médicos recetaram as duas panacéias do costume, "o casamento e o campo". Pobres dos médicos! Queixam-se deles. Ah! Se tivessem na sua farmácia certas drogas preciosas, como o amor, a ambição, a glória, que de curas milagrosas não fariam!

Quando se tratou de escolher o arrabalde, Guida pediu a Tijuca; não que ela esperasse tirar proveito para a saúde. Bem longe disso; era um desejo recondito de rever aquelas sítios, e saciar-se das reminiscências que eles guardavam. Matassem embora essas árvores, como a mancinella; queria embriagar-se de seus perfumes.

Lembrava-se da "Africana" que vira representar ultimamente; e invejava aquela morte, ela que dois anos antes, naquelas mesmas montanhas, zombava de Sappho, a mais ilustrada entre as místicas do amor. Guida trajava naquela tarde

com o tropel de um só cavalo, mas de muitos. Entretanto, a ideia de tropel é mais do ruído que da multidão e podemos dizer que uma só cousa pode atropelar outra. Vê-se a estreiteza do seu critério e por isso condena como algaravias tom opaco da solidão, o céu, tela azul, etc.

Essas cousas para ele não atam nem desatam. Imprimis um perfume é um dislate, não sendo o perfume coisa sólida ou pesada.

Em conclusão, a critica de José Feliciano pode ser decomposta em dois motivos gerais: um, a censura indebita de imagens, de tropos e de neologismos quase sempre aceitáveis; o outro, a questão da gramática portuguesa que considera inatigável e por isso mesmo inatigável a quaisquer diferenciações fora do velho Portugal.

E esse segundo motivo o mais respeitável e é ainda o que se processa nas polémicas vigentes com alguma vivacidade.

Os escritores brasileiros de maior independência opõem-se aos rigores do vernaculismo europeu, clássico ou contemporâneo. O mesmo sucede em Portugal quanto ao fabuloso prestigio dos clássicos. Eça de Queiroz, Pinheiro e outros que vieram depois dificilmente poderiam entrar na tradição do quinhentismo, muito mais cultivado no Brasil se atentarmos no influxo de Rui Barbosa e na sobriedade de Machado de Assis.

Em qualquer caso, os revolucionários podem tomar como



Casa em que nasceu Alencar, em Moçofo, Ceará

um vestido cinzento e, sobre ele, um casaco preto guardado de marinha. A alvura imaculada de seu rosto destacava-se nesse traje escuro, entre os negros cabelos, com uma lividez que assustava; parecia o perfil de uma estátua em alabastro.

Reconhecendo Ricardo, teve a moça uma violenta comoção, e tomou para suaver-se o braço da mestra, que atribuiu o choque a susto e debilidade da moléstia.

— Não sabia que estava na Tijuca, disse Ricardo.

— Viemos há oito dias.

— Ela tem andado doente; o doutor mandou tomar ares; disse Mrs. Trowsky em português arrevesado.

— Há de fazer-lhe bem a Tijuca; tornou Ricardo.

— A saúde?... perguntou Guida.

— Abanou a cabeça desfalecendo um triste sorriso.

Foi então que Ricardo neprou no estado de abatimento da moça. O talhe, tão esbelta e gracil, retraiu-se como o cálice do lírio do vale quando fana-se, e os olhos de embaciados, os intercedentes, como o trepidar da estrela, rutilavam para desferir lampejo febril.

— Por que não sou eu o homem que ela sonha? disse Ricardo; porque não me deu o Criador um rão do fogo sagrado para reanimar esta vida que se extingue, para reter na terra esta bela mulher que se está transformando em anjo?

Guida sentara-se à beira do caminho, numa leve coberta de reiva, e acompanhava o recorte das nuvens com o olhar mórbido, que às vezes se eclipsava sob os longos cílios e volvia rápida e subtilmente ao rosto de Ricardo.

— Deve passarlhe disse Ricardo para romper o silêncio.

— Ela não gosta mais de sair como dantes; observou Mrs. Trowsky.

— Fatiga-me tanto! tornou Guida. Já três vezes viemos para este lado; e ainda não pude chegar até a outra volta.

— Quando estiver mais forte. Tenho tanta vontade! Mas hoje hei de ir; já descancei. Venha conosco! disse ouvindo o olhar súbito no semblante do moço.

Não era longe a volta a que a moça desejava chegar.

— Lembra-se? perguntou a Ricardo. Aqui nos encontramos pela primeira vez.

— Não esqueceu?

— E a nossa flor... Ainda estará no mesmo lugar? Ricardo rompeu o arvoredo, e procurou:

— Aqui está ela! Guida aproximou-se

— Não se concebe a combração que senti Ricardo notando aquele depercimento lento de uma beleza, que ele vira tão esplêndida. Lágrimas imedecerasam-lhe os olhos; e teve impulso de apellar-se aos pés da martir, sacrificada ao paganismo social.

Lembrou-se da conversa que tivera com a moça dois anos antes, pouco distante daquele sítio. Guida era uma das vítimas desse martirólogo da família, que poucos sabem e ninguém compreende. Nasceria rica; educaram-na para a opulência; e a grandeza a sufocava.

Havia um meio de salvar-se; era esbarfalar sua alma pelas salas em afecções efêmeras: tornar-se a moça da moda, faiceira, namorada, perseguida e disputada por um enxame de adoradores. A dignidade inata fechou-lhe essa válvula do coração.

Guida o guardara virgem e intacto para o seu primeiro amor; porem este não o encontrou no mundo. Porque? Não havia um homem que a merecesse? Guida estimava o homem, mais do que ele valia, porem na pureza do ideal; por isso os indivíduos da espécie lhe pareciam escorços, senão caricaturas.

— Por que não sou eu o homem que ela sonha? disse Ricardo; porque não me deu o Criador um rão do fogo sagrado para reanimar esta vida que se extingue, para reter na terra esta bela mulher que se está transformando em anjo?

Guida sentara-se à beira do caminho, numa leve coberta de reiva, e acompanhava o recorte das nuvens com o olhar mórbido, que às vezes se eclipsava sob os longos cílios e volvia rápida e subtilmente ao rosto de Ricardo.

— Deve passarlhe disse Ricardo para romper o silêncio.

— Ela não gosta mais de sair como dantes; observou Mrs. Trowsky.

— Fatiga-me tanto! tornou Guida. Já três vezes viemos para este lado; e ainda não pude chegar até a outra volta.

— Quando estiver mais forte. Tenho tanta vontade! Mas hoje hei de ir; já descancei. Venha conosco! disse ouvindo o olhar súbito no semblante do moço.

Não era longe a volta a que a moça desejava chegar.

— Lembra-se? perguntou a Ricardo. Aqui nos encontramos pela primeira vez.

— Não esqueceu?

— E a nossa flor... Ainda estará no mesmo lugar? Ricardo rompeu o arvoredo, e procurou:

— Aqui está ela! Guida aproximou-se

O arbusto, reverdecido com as águas do inverno, começava a florescer. Nas pontas dos renovaos germinavam já os lindos cálices de nacar, com o seu pingo dourado.

Rogou Guida as mãos pelas folhas glabras do arbusto como para sentir-se acariciada pelo doce florido:

— Sonhos dourados! murmurou.

— E' verdade! exclamou Ricardo sorrindo.

— Nem se lembrava! disse Guida com leve exprobação.

— Não culpe a pobre florinha, se o vento da tempestade a mirrou e cobriu de pó, tornou Ricardo apanhando os secos despojos da passada floração.

— Estes morreram, murmurou Guida olhando as flores murchas, mas vão renascer. E os meus?...

A voz da moça expirou nos lábios, e exalou-se em um suspiro.

— Os meus nasceram aqui também, porem morreram para sempre!

Ergueu Ricardo surpresa os olhos, e viu o semblante da moça banhado em lágrimas.

— Guida! exclamou ele.

E cingiu-lhe a cintura com o braço para ampará-la, porque a via desfalecer.

— Eu queria morrer aqui! balbuciou ela descaído a fronte do ombro de Ricardo, e reclinando o talhe ao peito onde conchegou-se hirta, sem movimento.

Mudo e extático, Ricardo não sabia o que fizesse; não tinha forças para separar de si o corpo desfalecido, nem ousava observar-lhe o semblante, temendo ver nele a máscara da morte.

Foi rápido o lance, e durou enquanto Mrs. Trowsky, que duas vezes investira com o arvoredo, mas fora repelida por causa de sua rotundidade, fazia volta para aproximar-se.

— Guida! repetiu Ricardo aflito.

A moça ergueu a fronte enfiando-se no o'har que banhou o rosto do moço, e sorriu.

— Guidel que morria... e era feliz!

Ricardo nouseu um beijo casto na fronte da moça.

— Há de viver!

— Para quem?...

— Para mim!

— Por ele e para ele, med Deus! disse ela ajoelhando com as mãos eruidas ao céu.

— What!... gritou a mestra vendo Guida naquela posição.

Ergueu-se Guida com um sorriso:

— Estava agradecendo a Deus a benção que me enviou.

E abraçando-a com efusão, cobriu-a de beijos.

— Child! Dear Child!... exclamava a mestra, camagando as lágrimas nos olhos.

moniosamente as suas razões contra o salinista literário, casmurro, charlatão, palhao, critiqueiro, cacaxoso e, realmente, muitas das censuras de José Feliciano são coerçadas de Bertolino, como a de ver monstrosidade a todo momento em "ondas em flutuação", a que Alencar opõe a sua flutuação de Estácio (caído, todavia, em erro do autor citado, São, em vez de Sivas, nome da obra do poeta latino).

Os escritores de grande engenho atraem sempre a anti-ndversão dos mais apoucados, dos invejosos e, na maior parte dos casos, dos principantes que querem aparecer. Assim o fez o próprio José de Alencar na critica à Confederação dos Tamoyos, o poema de Magalhães, nosso primeiro romântico.

Continuando, José Feliciano censura em Alencar a frase: "E promovendo um passo". Mover, sim, e não promover, diz o mestre. Mas, promover, pelo mesmo etimologicamente, é mover para diante. José Feliciano prefere o Manuel de Galhegos quando escreve:

Nem quando a Aurora... Com tanta bizarria os passos imove

Nas Questões (n. 43) nota que é incorrecto dizer, como Alencar: "Reboou nas barrocas da azinlaga o tropel de um cavalo".

José Feliciano não concorda

# ALGUMAS PÁGINAS DO "GUARANI"

## A PRECE

A tarde ia morrendo. O sol declinava no horizonte e deixava-se sobre as grandes florestas, que iluminava com os seus últimos raios.

A luz frouta e suave do ocaso, enrolava-se como ondas de ouro e de púrpura sobre a folhagem das árvores.

Os espinheiros silvestres desfolhavam as flores alvas e delicadas; e o curicó abria as suas palmas mais novas, para receber no seu calice o orvalho da noite. Os animais retardados procuravam a pousada, enquanto a juriti, chamando a companheira, soltava os arrulhos doces e saudosos com que se despede do dia.

Um concerto de notas graves saudava o por do sol e confundia-se com o rumor da cascata, que parecia quebrar a aspereza de sua queda e ceder à doce influência da tarde.

Era Ave-Maria. Como é solene e grave no meio das nossas matas a hora misteriosa do crepúsculo, em que a natureza se ajoelha aos pés do Criador para murmurar a prece da noite!

Essas grandes sombras das árvores que se estendem pela planície; essas gradações infinitas da luz pelas quebradas da montanha; esses raios perdidos, que, evanescentes pelo renascer da folhagem, não brincam um momento sobre a arca; tudo respira uma poesia imensa que enche a alma.

O urutu no fundo da mata solta as suas notas graves e sonoras, que, rebando pelas montanhas crastias de verdura, vão ecoar ao longe como o toque lento e pausado do "angelus".

A brisa, roçando as grimpas da floresta, traz um debruço suspiro, que parece o último eco dos rumores do dia, ou o derradeiro suspiro da tarde que morre.

Todas as pessoas reunidas na esplanada sentiam mais ou menos a impressão poderosa desta hora solene, e cediam involuntariamente a esse sentimento vago, que não é bem tristeza, mas respeito misturado de um certo temor.

De repente os sons melancólicos de um clarim proibiram-se pelo ar, quebrando o concerto da tarde; era um dos aventureiros que tocava Ave-Maria.

Todos se descobriram. D. Antonio de Mariz, adiantando-se até à beira da esplanada para o lado do ocaso, tirou o chapéu e ajoelhou.

Ao redor dele vieram grupar-se sua mulher, as duas moças, Alvaro e D. Diogo; os aventureiros, formando um grande arco de círculo, ajoelharam-se a alguns passos de distância.

O sol com o seu último reflexo esclarecia a barba e os cabelos brancos do velho fidalgo, e realçava a beleza do que busto de antigo cavaleiro.

Era uma cena ao mesmo tempo simples e majestosa a que apresentava essa prece meio cristã, meio selvagem; em todos aqueles rostos, iluminados pelos raios do ocaso, respirava um santo respeito.

Loredano foi o único que conservou o seu sorriso desdenhoso, e seguiu com o mesmo olhar torvo os menores movimentos de Alvaro, ajoelhando perto de Cecilia e embelhado em contemplá-la, como se ela fosse a divindade a quem dirigia a sua prece.

Durante o momento em que o rei da luz, suspenso no horizonte, lançava ainda um olhar sobre a terra, todas se concentravam em um fundo recolhimento, e diziam uma oração muda, que apenas ativava imperceptivelmente os lábios.

Por fim o sol escondia-se; Alvaro Gomes estendeu o moçoquete sobre o precipício, e um firo saudou o ocaso.

Era noite.

Todos se ergueram; os aventureiros correram e foram-se retirando a pouco e pouco.

Cecilia ofereceu a fronte ao beijo de seu pai e de sua mãe, e fez uma graciosa mesura a seu irmão e a Alvaro.

Isabel tocou com os lábios a mão de seu tio, e curvou-se em face de D. Lauriana para receber uma bênção lançada com a dignidade e altivez de um abade.

Depois a família, chegando-se para junto da porta, dispôs-se a passar um desses curtos serões que outrora precediam a simples mas suscitada ceia.

Alvaro, em atenção a ser o seu primeiro dia de chegada, fora empenhado pelo velho fidalgo para tomar parte nessa colação da família, o que havia recebido como um favor imenso.

O que explicava esse apreço e grande valor dado por ele a um tão simples convite era o regime casero que D. Lauriana havia estabelecido na sua habitação.

Os aventureiros e seus chefes viviam num lado da casa inteiramente separados da família; durante o dia corriam os matos e ocupavam-se com a caça ou com diversos trabalhos de cordoagem e marcenaria.

Era unicamente na hora da prece que se reuniam um momento na esplanada, onde, quando o tempo estava bom, as damas vinham também fazer a sua oração da tarde.

Quanto à família, essa conservava-se sempre retirada no interior da casa durante a semana. O domingo era consagrado ao repouso, à distração e à alegria; então dava-se às vezes um acontecimento extraordinário como um passeio, uma caçada, ou uma rolla em canoa pelo rio.

Já se vê pois a razão por que Alvaro tinha tantos desejos, como diz o italiano, de chegar ao "Paqueque" em um sábado e antes das seis horas; o moço sonhava com a ventura desses curtos instantes de contemplação e com a liberdade do domingo, que lhe ofereceria talvez ocasião de arriscar uma palavra.

Formado o grupo da família, a conversa travou-se entre D. Antonio de Mariz, Alvaro e D. Lauriana; Diogo ficou um pouco retirado; as moças, tímidas, escutavam, e quase nunca se atreviam a dizer uma palavra sem que se dirigissem diretamente a elas, o que raramente sucedia.

Alvaro, desejoso de ouvir a voz doce e argentina de Cecilia, da qual ele tinha saudade pelo muito tempo que não a escutava, procurou um pretexto que a chamasse à conversa.

— Esquecia-me contar-vos, sr. D. Antonio, disse ele aproximando-se de uma pausa, um dos incidentes da nossa viagem.

— Qual? Vejamos; respondeu o fidalgo.

— A coisa de quatro léguas daqui, encontramos Peri.

— Inda bem! disse Cecilia: há dois dias que não sabemos notícias dele.

— Nada mais simples, replicou o fidalgo; ele corre todo este sertão.

— Sim! tornou Alvaro, mas o modo por que o encontramos é que não vos parecerá tão simples.

— O que fazia então?

— Brincava com uma onca como nós com o nosso veadinho.

D. Cecilia.

— Meus Deus! exclamou a moça voltando um grilo.

— Que tens, menina? perguntou D. Lauriana.

— É que ele deve estar morto a esta hora, minha mãe.

— Não se perde grande coisa, respondeu a senhora.

— Mas eu sei a causa de sua morte!

— Como assim, minha filha? disse D. Antonio.

— Vede vós, meu pai, respondeu Cecilia, enrugando as lágrimas que lhe saltavam dos olhos; conservava quínta-feira com Isabel, que tem grande medo de onças, e brincando, disse-lhe que desejava ver uma viva!

— E Peri a foi buscar para satisfazer o teu desejo; replicou o fidalgo rindo. Não há que admirar. Outros tem ele feito.

— Porém, meu pai, isto é coisa que se faça! A onça deve tê-lo morto.

— Não vos assusteis, D. Cecilia; ele saberá defender-se.

— E vós, sr. Alvaro, por que não o ajudastes a defender-se? disse a moça sentida.

— Oh! se visseis a ratua com que ficou por queremos atirar sobre o animal!

E o moço contou parte da cena passada na floresta.

— Não há dúvida, disse D. Antonio de Mariz, na sua cega dedicação por Cecilia, quis fazer-lhe a vontade com risco de sua vida. E' para mim uma das coisas mais admiráveis que tenho visto nesta terra, o caráter desse índio. Desde o primeiro dia que aqui entrou, salvando minha filha, a sua vida tem sido um só ato de abnegação e heroísmo. Crede-me, Alvaro, é um cavaleiro português no corpo de um selvagem!

A conversa continuou; mas Cecilia tinha ficado triste, e não tomou mais parte nela.

D. Lauriana retirou-se para dar as suas ordens; o velho fidalgo e o moço conversaram até oito horas, em que o toque de uma campã no ferro da casa veio anunciar a ceia.

Enquanto os outros subiam os degraus da porta e entravam na habitação, Alvaro achou ocasião de trocar algumas palavras com Cecilia.

— Não me perguntais pelo que me ordenastes, D. Cecilia? disse ele a meia voz.

— Ah! sim! trouxestes todas as coisas que vos pedi?

— Todas e mais... disse o moço balbucando.

— E mais o que? perguntou Cecilia.

— E mais uma coisa que não pedistes.

— Essa não quero! respondeu a moça com um ligeiro enfiado.

— Nem por vos pertencer já? replicou ele timidamente.

— Não entendo, E' uma coisa que já me pertence, dizem?

— Sim; porque é uma lembrança vossa.

— Nesse caso guardai-a, sr. Alvaro, disse ela sorrindo, e guardai-a bem.

E fugindo foi ter com seu pai, que chegava à varanda, e em presença dele recebeu de Alvaro um pequeno cofre, que o moço fez conduzir, e que continha as suas encomendas. Estas consistiam em flocos de seda, espiquilha de linho, fitas, galacés, holandas, e um lindo par de pistolas primorosamente embutidas.

Vendo essas armas, a moça soltou um suspiro abafado e murmurou consigo:

— Meu pobre Peri! Talvez já não te sirvam nem para te defenderes.

A ceia foi longa e pausada, como costumava ser naqueles tempos em que a refeição era uma ocupação séria, e a mesa um altar que se respeitava.

Durante a colação, Alvaro esteve descontente pela recusa que a moça fizera do modesto presente que ele havia acariciado com tanto amor e tanta esperança.

Logo que seu pai ergueu-se, Cecilia recolheu ao seu quarto, e, ajoelhando diante do crucifixo, fez a sua oração. Depois, erguendo-se, foi levantar um canto da cortina da janela e olhar a cabana que se erguia na ponta do rochedo, e estava deserta e solitária.

Sentia apertar-se o coração

com a idéia de que, por um acaso, tivesse sido a causa da morte desse amigo dedicado que lhe salvara a vida, e arriscava todos os dias a sua, somente para fazê-la sorrir.

Tudo nesta recordação lhe falava dele: seus olhos, seus dois amiguinhos que dormiam, um no seu ninho e outro sobre o tapete, as penas que serviam de ornato ao aposento, as peles dos animais que seus pés roçavam, o perfume suave de belém que ela respirava; tudo tinha vindo do índio que, como um poeta ou um artista, parecia criar em torno dela um pequeno templo dos primores da natureza brasileira.

Ficou assim a olhar pela janela muito tempo; nessa ocasião nem se lembrava de Alvaro, o jovem cavaleiro elegante, tão delicado, tão tímido, que corava diante dela, como ela diante dele.

De repente a moça estremeceu.

Tinha visto à luz das estrelas passar um vulto que ela reconheceu pela altura de sua túnica de algodão, e pelas formas esbeltas e flexíveis; quando o vulto entrou na cabana, não lhe restou a menor dúvida.

Era Peri.

Sentiu-se aliviada de um grande peso: e pôde então entregar-se ao prazer de examinar um por um, com toda a atenção, os lindos objetos que recebera, e que lhe causavam um vivo prazer.

Nisso gastou seguramente meia hora; depois voltou-se, e como já não tinha inquietação nem tristeza, adormeceu sorrindo à imagem de Alvaro, e pensando na magna que lhe fizesse, recusando o seu mimo.

De repente a moça estremeceu.

Tinha visto à luz das estrelas passar um vulto que ela reconheceu pela altura de sua túnica de algodão, e pelas formas esbeltas e flexíveis; quando o vulto entrou na cabana, não lhe restou a menor dúvida.

Era Peri.

Sentiu-se aliviada de um grande peso: e pôde então entregar-se ao prazer de examinar um por um, com toda a atenção, os lindos objetos que recebera, e que lhe causavam um vivo prazer.

Nisso gastou seguramente meia hora; depois voltou-se, e como já não tinha inquietação nem tristeza, adormeceu sorrindo à imagem de Alvaro, e pensando na magna que lhe fizesse, recusando o seu mimo.

Era Peri.

Sentiu-se aliviada de um grande peso: e pôde então entregar-se ao prazer de examinar um por um, com toda a atenção, os lindos objetos que recebera, e que lhe causavam um vivo prazer.

Nisso gastou seguramente meia hora; depois voltou-se, e como já não tinha inquietação nem tristeza, adormeceu sorrindo à imagem de Alvaro, e pensando na magna que lhe fizesse, recusando o seu mimo.

Era Peri.

Sentiu-se aliviada de um grande peso: e pôde então entregar-se ao prazer de examinar um por um, com toda a atenção, os lindos objetos que recebera, e que lhe causavam um vivo prazer.

Nisso gastou seguramente meia hora; depois voltou-se, e como já não tinha inquietação nem tristeza, adormeceu sorrindo à imagem de Alvaro, e pensando na magna que lhe fizesse, recusando o seu mimo.

Era Peri.

Sentiu-se aliviada de um grande peso: e pôde então entregar-se ao prazer de examinar um por um, com toda a atenção, os lindos objetos que recebera, e que lhe causavam um vivo prazer.

Nisso gastou seguramente meia hora; depois voltou-se, e como já não tinha inquietação nem tristeza, adormeceu sorrindo à imagem de Alvaro, e pensando na magna que lhe fizesse, recusando o seu mimo.

Era Peri.

Sentiu-se aliviada de um grande peso: e pôde então entregar-se ao prazer de examinar um por um, com toda a atenção, os lindos objetos que recebera, e que lhe causavam um vivo prazer.

Nisso gastou seguramente meia hora; depois voltou-se, e como já não tinha inquietação nem tristeza, adormeceu sorrindo à imagem de Alvaro, e pensando na magna que lhe fizesse, recusando o seu mimo.

Era Peri.

Sentiu-se aliviada de um grande peso: e pôde então entregar-se ao prazer de examinar um por um, com toda a atenção, os lindos objetos que recebera, e que lhe causavam um vivo prazer.

Nisso gastou seguramente meia hora; depois voltou-se, e como já não tinha inquietação nem tristeza, adormeceu sorrindo à imagem de Alvaro, e pensando na magna que lhe fizesse, recusando o seu mimo.

Era Peri.

Sentiu-se aliviada de um grande peso: e pôde então entregar-se ao prazer de examinar um por um, com toda a atenção, os lindos objetos que recebera, e que lhe causavam um vivo prazer.

Nisso gastou seguramente meia hora; depois voltou-se, e como já não tinha inquietação nem tristeza, adormeceu sorrindo à imagem de Alvaro, e pensando na magna que lhe fizesse, recusando o seu mimo.

Era Peri.

Sentiu-se aliviada de um grande peso: e pôde então entregar-se ao prazer de examinar um por um, com toda a atenção, os lindos objetos que recebera, e que lhe causavam um vivo prazer.

Nisso gastou seguramente meia hora; depois voltou-se, e como já não tinha inquietação nem tristeza, adormeceu sorrindo à imagem de Alvaro, e pensando na magna que lhe fizesse, recusando o seu mimo.

Era Peri.

Sentiu-se aliviada de um grande peso: e pôde então entregar-se ao prazer de examinar um por um, com toda a atenção, os lindos objetos que recebera, e que lhe causavam um vivo prazer.

Nisso gastou seguramente meia hora; depois voltou-se, e como já não tinha inquietação nem tristeza, adormeceu sorrindo à imagem de Alvaro, e pensando na magna que lhe fizesse, recusando o seu mimo.

Era Peri.

Sentiu-se aliviada de um grande peso: e pôde então entregar-se ao prazer de examinar um por um, com toda a atenção, os lindos objetos que recebera, e que lhe causavam um vivo prazer.

Nisso gastou seguramente meia hora; depois voltou-se, e como já não tinha inquietação nem tristeza, adormeceu sorrindo à imagem de Alvaro, e pensando na magna que lhe fizesse, recusando o seu mimo.

Era Peri.

Sentiu-se aliviada de um grande peso: e pôde então entregar-se ao prazer de examinar um por um, com toda a atenção, os lindos objetos que recebera, e que lhe causavam um vivo prazer.

Algum tempo se passou sem que o menor incidente perturbasse o suave painel que formava esse grupo de família.

De repente, entre o doce de verdura que cobria esta cena, ouviu-se um grilo vibrante e uma palavra de língua estrangeira:

— "Iara!"

E' um vocábulo guarani: significa "a senhora".

D. Antonio levantou-se; notando olhos rápidos, viu sobre a eminência que ficava sobranceira ao lugar em que estava Cecilia, um quadro original.

De pé, fortemente apoiado sobre a base estreita que formava a rocha, um selvagem coberto com um ligeiro saio de algodão metia o ombro a uma lasca de pedra que se desenhava do seu alvéolo, e a ele rolar pela encosta.

O índio fazia um esforço supremo para sustentar o peso da larga prestes a esmagá-lo; e com o braço estendido de encontro a um pau de árvore mantinha por uma tensão violenta dos músculos o equilíbrio do corpo.

A árvore tremia; por momentos parecia que pedra e homem se enrolavam numa mesma volta, e precipitavam-se sobre a menina sentada na aba da colina.

Cecilia, ouvindo o grilo, erguera a cabeça, e olhava seu pai com alguma surpresa, sem adivinhar o perigo que a ameaçava.

Ver, lançar-se para sua filha, tomá-la nos braços, arrancá-la à morte, foi para D. Antonio de Mariz uma só ideia e um só movimento, que realizou com a força e a impetuosidade do sublime amor de pai, que era tudo a sua vida.

No momento em que o fidalgo deixava Cecilia quase desmaiada sobre o regaço materno, o índio saltava no meio do vale; a pedra arando sobre si, precipitada do alto da colina, enterrava-se profundamente no chão.

Foi então que os outros esveceladores desta cena, paralisados pelo choque que haviam sofrido, lançaram um grilo de terror, pensando no perigo que já estava passado.

Uma larga esteira que descia da eminência até o lugar onde Cecilia estivera recostada, mostrava a linha que descrevera a pedra na passagem, arrancando a relva e ferindo o chão.

D. Antonio, ainda pálido e trêmulo do perigo que corria Cecilia, voltava os olhos daquela terra que se lhe afigurava uma campã, para o selvagem que surgira, como um gênio benfazejo das florestas do Brasil.

O fidalgo não sabia o que mais admirar, se a força e o heroísmo com que ele salvara sua filha, se o milagre de agilidade com que se livrara a si próprio da morte.

Quanto ao sentimento que di'ara esse proceder, D. Antonio não se admirava; conhecia o caráter dos nossos selvagens, tão injustamente caluniados pelos historiadores; sabia que fora da guerra e da vingança eram generosos, capazes de uma ação grande e de um estímulo nobre.

Por muito tempo reinou silêncio expressivo nesse grupo, que se acabava de transformar de modo tão imprevisto.

D. Lauriana e Isabel de joelhos oravam a Deus, rendendo-lhe graças; Cecilia ainda assustada apolara-se ao peito de seu pai e beijava-lhe a mão com ternura; o índio humilde e submisso fitava um olhar profundo de admiração sobre a moça que tinha salvado.

Por fim D. Antonio, pensando o braço esquerdo pela cintura de sua filha, caminhava para o selvagem, e estendeu-lhe a mão com gesto nobre e afável: o índio curvou-se e beijou a mão do fidalgo.

— De que nação és? pergun-



# DE JOSÉ DE ALENCAR

lou-lhe o cavalheiro em guarnição.

— Gollacaz, respondeu o selvagem erguendo a cabeça com altivez.

— Como te chamavas?

— Peri, filho de Ararê, primeiro de sua tribo.

— Ku, sou um fidalgo português, um branco inimigo de tua raça, conquistador de tua terra; mas tu salvaste minha filha; obrigado-te a minha amizade.

— Peri acetta; tu já eras amigo.

— Como assim? perguntou D. Antonio admirado.

— Ouve.

O índio começou, na sua linguagem tão rica e poética, com a doce pronúncia que parecia ter aprendido das anas da sua terra, ou das aves das florestas virgens, esta simples narração.

♦ ♦ ♦

“Era o tempo das árvores de ouro.

A terra cobriu o corpo de Ararê e as suas armas, menos o seu arco de guerra.

Peri chamou os guerreiros de sua tribo e disse:

— Pai morreu; aquele que foi o mais forte entre todos. Terá o arco de Ararê. Guerra!”

Assim, talon Peri: os guerreiros responderam: Guerra!

Enquanto o sol alumiava a terra, caminhamos; quando a lua subiu ao céu, chegamos. Combatemos como Gollacazes. Toda a noite foi uma guerra. Houve sangue, houve fogo.

Quando Peri abateu o arco de Ararê, não havia na taba dos brancos uma cabana em pé, um homem vivo; tudo era cinza.

Veio o dia e alumiu o campo; veio o vento e levou a cinza.

Peri tinha vencido; era o primeiro de sua tribo e o mais forte de todos os guerreiros.

Sua mãe chegou e disse:

— Peri, chefe dos Gollacazes, filho de Ararê, tu és grande, tu és forte como teu pai; tua mãe te ama!”

Da guerra os chegaram e disseram:

— Peri, chefe dos Gollacazes, filho de Ararê, tu és o mais valente da tribo e o mais temido do inimigo; os guerreiros te obedecem.”

As mulheres chegaram e disseram:

— Peri, primeiro de todos, tu és belo como o sol, e flexível como a cana selvagem que te deu o nome; as mulheres são tuas escravas.”

Peri ouviu e não respondeu; nem a voz de sua mãe, nem o canto dos guerreiros, nem o amor das mulheres, o fez sorrir.

Na casa da cruz, no meio do fogo, Peri tinha visto a senhora dos brancos; era alva como a filha da lua; era bela como a garça do rio.

Tinha a cor do céu nos olhos; a cor do sol nos cabelos; estava vestida de nuvens, com um cinto de estrelas e uma pluma de luz.

O fogo passou; a casa da cruz caiu.

De noite Peri teve um sonho; a senhora apareceu; estava triste e falou assim:

— Peri, guerreiro livre, tu és meu escravo; tu me seguirás por toda a parte, como a estrela grande acompanha o dia.

A lua tinha voltado o seu arco vermelho, quando tornamos da guerra; todas as noites Peri via a senhora na sua nuvem; ela não tocava a terra, e Peri não podia subir ao céu.

O coqueiro quando perde a sua folha parece morto; não tem flor, nem sombra; chora umas lágrimas doces como o mel dos seus frutos.

Assim Peri ficou triste.

A senhora não apareceu mais; e Peri via sempre a senhora nos seus olhos.

As árvores ficaram verdes; os passarinhos fizeram seus ninhos; o sabiá cantou; tudo ria:

o filho de Ararê lembrou-se de seu pai.

“Voto o tempo da guerra.

Partimos; andamos; chegamos ao grande rio. Os guerreiros armaram as redes; as mulheres fizeram fogo; Peri olhou o sol.

“Vi passar o gavião.

“Se Peri fosse o gavião ia ver a senhora no céu.

“Vi passar o vento.

“Se Peri fosse o vento, carregava a senhora no ar.

“Vi passar a sombra.

“Se Peri fosse a sombra, acompanhava a senhora de noite.

“Os passarinhos dormiram três vezes.

Sua mãe veio e disse:

— Peri, filho de Ararê, guerreiro branco, salvou tua mãe; virgem branca também.

Peri tomou suas armas e partiu; ia ver o guerreiro branco para ser amigo; e a filha da senhora para ser escravo.

O sol chegava ao meio do céu e Peri chegava também ao rio; existiu longe a sua casa grande.

A virgem branca apareceu.

Era a senhora que Peri tinha visto; não estava triste como da primeira vez; estava alegre; tinha deixado lá a nuvem e as estrelas.

Peri disse:

— A senhora desceu do céu, porque a lua sua mãe deixou; Peri, filho do sol, acompanhara a senhora na terra.

Os olhos estavam na senhora; e o ouvido no coração de Peri. A pedra estalou e quis fazer mal à senhora.

A senhora tinha salvado a mãe de Peri, Peri não quis que a senhora ficasse triste, e voltasse ao céu.

Guerreiro branco, Peri, primeiro de sua tribo, filho de Ararê, da nação Gollacaz, forte na guerra, te oferece o seu arco; tu és amigo.”

♦ ♦ ♦

O índio terminou aqui a sua narração.

Enquanto falava, um assomo do orvalho selvagem da força e da coragem lhe brilhava nos olhos negros, e dava certa nobreza ao seu gesto. Embora ignorante, filho das florestas, era um rei: tinha a realeza da força.

Apenas concluiu, a altivez do guerreiro desapareceu; ficou tímido e modesto; já não era mais do que um bárbaro em face de criaturas civilizadas, cuja superioridade de educação o seu instinto reconhecia.

D. Antonio o ouvia sorrindo-se do seu estilo ora figurado, ora tão singelo como as primeiras frases que balbuciu a criança aos peitos maternos. O fidalgo traduzia, da melhor maneira que podia, essa linguagem poética a Cecilia, a qual já livre do suspiro queria por força, apesar do medo que lhe causava o selvagem, saber o que ele dizia.

Compreenderam na história de Peri, que uma índia, garça havia dois dias por D. Antonio das mãos dos aventureiros e a quem Cecilia enchera de presentes de velórios azues e escarlates, era a mãe do selvagem.

Peri, disse o fidalgo, quando dois homens se encontram e ficam amigos, o que está na casa do outro recebe a hospitalidade.

— É o costume que os velhos transmitem aos moços da tribo, e os pais aos filhos.

— Tu ceará conosco.

— Peri te obedece.

A tarde declinava; as primeiras estrelas luziam. A família, acompanhada por Peri, dirigiu-se a casa, e subiu a esplanada.

D. Antonio entrou um momento e voltou trazendo uma linda clavinha taurizada com o braço de armas do fidalgo, a mesma que já vimos nas mãos do índio.

— É a minha companheira fiel, a minha arma de guerra; nunca menti fogo, nunca errei o alvo; a sua boca é como a seta do teu arco. Peri, tu me deste minha filha; minha filha te dá a arma de guerra de seu pai.

O índio recebeu o presente com uma efusão de profundo reconhecimento.

— Esta arma, que vem da senhora, e Peri farão um só corpo.

A campa do terreiro tocou anunciando a ceia.

O índio, vezado no meio dos usos estranhos, tomado de um santo respeito, não sabia como se ter.

Apesar de todos os esforços do fidalgo, que sentia um prazer indizível em mostrar-lhe quanto apreciava a sua ação e remanera com a alegria de ver sua filha viva, o selvagem não tocou em um só manjar.

Por fim D. Antonio de Mariz, conhecendo — que toda a insistência era inútil, encheu duas taças de vinho das Candárias.

— Peri, disse o fidalgo, há um costume entre os brancos, de um homem beber por aquele que é amigo. O vinho é o licor que dá a força, a coragem, a alegria. Beber por um amigo é uma maneira de dizer que o amigo é e será forte, corajoso e feliz. Eu bebo pelo filho de Ararê.

— E Peri bebe por ti, porque és pai da senhora; bebe por ti, porque salvaste sua mãe; bebe por ti, porque és guerreiro.

A cada palavra o índio tocou a taça e bebeu um trago de vinho, sem fazer o menor gesto de desgosto; ele beberia ne-neno à saúde do pai de Cecilia.

ALGUMAS PÁGINAS DE "IRACEMA"

José de Alencar

I

Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba!

Verdes mares, que brilhais como líquida esmeralda aos raios do sol nascente, perlongando as alvas pralhas ensombradas de coqueiros!

Serenai, verdes mares, e alisai docemente a vaga impetuosa, para que o barco aventureiro, manso, resvale à flor das águas.

Onde vai a alfofa jangada, que deixa rápida a costa cearense, aberta ao fresco terral a grande vela?

Onde vai, como branca alcione, buscando o rochedo pátrio nas solidões do oceano?

Três entes respiram sobre o fragil lenho que vai singrando veloce, sobre o mar em fôr.

Um jovem guerreiro, cuja tez branca não cora o sangue americano; uma criança e um rafoleiro que viram a luz no berço das florestas, e brincam, irmãos, filhos ambos da mesma terra selvagem.

A lufada intermitente tras, da praia, um eco vibrante, que ressoa entre o marulho das vagas:

— Iracema!

O moço guerreiro, encostado ao mastro, leva os olhos presos, na sombra fugitiva da terra: a espaços, o olhar empanado por tênue lágrima cai sobre o girau, onde folgam as duas inocentes criaturas, companheiras de seu infortúnio.

Nesse momento o lábio arranca d'alma um agro sorriso.

Que deixara ele na terra de exílio?

Uma história, que me contaram nas lindas várzeas onde nasci, à calada da noite, quando a lua passava no céu, argenteando os campos, e a brisa rugia nos palmares.

Refresca o vento.

O rulo das vagas precipita. O barco salta sobre as ondas e desaparece no horizonte. Abre-se a imensidade dos mares e a borrasca enverga, como o condor, as foscas asas sobre o abismo.

Deus te leve a salvo, brioso e ativo barco, por entre as vagas revoltas, e te poje nalguma enseada amiga. Soprem para ti as brandas auras; e para ti jaspeia a bonança mares de leite.

Enquanto vogas assim, à discreção do vento, airoso barco, volve às brancas areias a saudade que te acompanha, mas não se parte da terra onde revoas.

II

Alem, muito alem daquela serra, que alinda azula no horizonte, nasceu Iracema.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da grana e mais longos que seu talhe de palmeira.

O fado da jati não era doce como seu sorriso; nem a banhinha rescendia no bosque como o seu hálito perfumado.

Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipê, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação Tabajara.

O pé gracil e nu, mal roçando alisava, apenas a verde pelúcia que vestia a terra, com as primeiras águas.

Um dia, no pino do sol, ela repousava em um claro da floresta. Banhava-lhe o corpo a sombra da olícea, mais fresca do que o orvalho da noite. Os ramos da acácia silvestre espalhavam flores sobre os úmidos cabelos. Escondidos na folhagem os pássaros, amecavam o canto.

Enquanto repousa, Iracema empluma das penas do gará as flechas do seu arco, e concerta, com o sabiá, a mata, pousado no galho próximo, o canto agreste.

A graciosa ará, sua companheira e amiga, brinca junto dela. As vezes, sobe aos ramos da árvore e de lá chama a virgem pelo nome; encosta, remeche o urí de palha matizada, onde traz a selvagem seus perfumes, os alvos fios do cravá, as agulhas da jussara com que tece a renda, e as tintas de que matiza o algodão.

Rumor: suspeito quebra a doce harmonia da sesta. Ergue a virgem os olhos, que o sol não deslumbra: sua vista perturba-se.

Diante dela, e todo a contemplá-la, está um guerreiro estranho se é guerreiro e não algum mau espírito da floresta. Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar, nos olhos o azul triste das águas profundas. Ignotas armas e tercos ignotos cobrem-lhe o corpo.

Foi rápido, como o olhar o gesto de Iracema. A flecha embebida no arco partiu. Gotas de sangue burbuiham na face do desconhecido.

Do primeiro impeto, a mão lesta caiu sobre a cruz da espada; mas logo sorriu. O moço guerreiro aprendeu na religião de sua mãe, onde a mulher é símbolo de ternura e amor. Soufreu mais d'alma que da ferida.

O sentimento que ele pôs nos olhos e no rosto, não o sei eu. Porém a virgem lançou de si o arco e a uraçaça, e correu para o guerreiro, sentida da máguia que causara.

A mão que rápida ferira, estancou mais rápida e compassiva o sangue que gotejava. Depois Iracema quebrou a flecha homicida; deu a haste ao desconhecido, guardando consigo a ponta farpada.

O guerreiro falou.

— Quebras comigo a flecha da paz?

— Quem te ensinou, guerreiro branco? a linguagem dos meus irmãos? Longem vieste a estas matas, que nunca viram outro guerreiro como tu?

— Venho de bem longe, filha das florestas. Venho das terras, que teus irmãos já possuíram, e hoje tem os meus.

— Benvido seja o estrangeiro aos campos dos Tabajaras, senhores das aldeias, e a cabana de Araken, pai de Iracema!



José de Alencar em 1861

## UMA PÁGINA DE

### "O SERTANEJO"

#### A SECA NO SERTÃO

José de Alencar

Nessa época o sertão parece a terra combusta do profeta; dir-se-lhe que por aí passou o fogo e consumiu toda a verdura, que é o sorriso dos campos e a gala das árvores, ou o seu manto, como chamavam poeticamente os indígenas.

Pela vasta planura que se estende a perder de vista, se irrijam os troncos ermos e nus com os esgalhos rijos e encarquilhados, que figuram o vasto ossuário da antiga floresta.

Quem pela primeira vez percorre o sertão nessa quadra, depois de longa seca, sente contrangê-lo a alma até os últimos reólhos em face dessa inanição da vida, desse imenso holocausto da terra.

E mais fúnebre do que um cemitério. Na cidade dos mortos as loucas estão cercadas por uma vegetação que vicia e floresce; mas aqui a vida abandona a terra, e toda essa região que se estende por centenas de léguas não é mais do que o vasto jazigo de uma natureza extinta, e o sepulcro da própria criação.

Das torrentes caudais restam apenas os leitos estancos, onde não se percebe mais nem vestígios da água que os asseberbava. Sabe-se que ali houve um rio, pela depressão às vezes imperceptível do terreno, e pela areia alva e fina que o encurru lavou.

E nos estuários dessas aluviões do inverno, conhecidos com o nome de várzeas, onde se conserva algum vislumbre da vitalidade, que parece haver de todo abandonado a terra. Ai se encontram, semeadas pelo campo, touceiras erçadas de puas e espinhos em que se entretecem os cardos e as carnaúbas. Sempre verdes, ainda quando não cal do céu uma só gota de orvalho, estas plantas simbolizam no sertão as duas virtudes cearenses, a aobriedade e a perseverança.

O capitão-mór havia sesteado a quatro léguas da fazenda, e partira à tarde quando já quebrara a força do sol, contando chegar a sua casa à noite.

Nessas horas do ocaso o sertão perde o aspecto morno, acervo e desolador que toma ao dardar do sol em brasa. A sombra da tarde reveste-o de seu manto suave e melancólico; é também a hora em que chega a brisa do mar e derrama por essa atmosfera, incandescente como uma fornalha, a sua frescura consoladora.

# JOSÉ DE ALENCAR,

## 1º Canto

### A GUERRA

#### I

Do deserto, minh'alma! Sobre os pinheiros  
Da brejeira penedia, enquanto o vento  
Nos aúros da manilhança ulula e brama,  
Saiu a rude piceira, o canho fero,  
Dos filhos de Tupan. E ruja a inúbia,  
Tecendo pela rózca os seus brancos.

#### II

Salve, Amacozas! Rei das reis das águas,  
Tanzi dos rios, filho do dilúvio!  
Gigante, que o maior dos oceanos  
Gerou nos flancos da maior montanha!  
E's origem do líquido elemento  
Que circunda o universo? E's tu que peças  
Das pelagens sem fim as profundezas.  
Onde matam a sede o céu e a terra?  
E's tu das ondas, os tiranos delas?

Colosso agigante, que fundiu nas águas  
O verbo de um artista omnipotente,  
A cabeça reclinou sobre os Andes  
Ao céu rasgando as largas catenatas.  
O dorso enorme ressupinou estendidas,  
Fez a terra que verga com teu peso;  
Os mui bracos, que alongas pelas serras,

Abraçagem tanto espaço que outros mundos  
Cobriram ainda, neste mundo novo,  
Feito para teu berço. Com desprezo  
Das pes o colo estiravas do oceano,  
Que nunguê se raija pelas praias.  
Nas prostrado e encucado, não rualado,  
O mar soberbo das reces se revoltou.  
Alguns a fronte, a fuba desgredhaça,  
Serrou e solta e ruge e ronca e tron;  
E o longo, inencha cauda desluocendo,  
Te encha o corpo no impolente esforço.

Pousa em teus ombros o condor altivo  
Apala-leão dos paranos da América;  
O roquar, rei da seiva brasileira,  
E o tapir, que dos pés o chão devora,  
Teus rafeiros humilites, le farejam  
De longe. A aciva pastam de teu sangue  
Milhões de raças de animais selagens.  
Vermes, que te pululam nas entranchas,  
São negros manatins, jacós enormes,  
Descomunal aborto da mãe água,  
E a sucuri, levitante dos rios.  
Resculma por teu corpo, dele insetos,  
Horrendos crocodilos, negras serpes,  
Talvez metamorfose monstruosa  
Dos grossos troncos de tombadas árvores,  
Que os lodos animam corrompendo.

Aqui, junguado, sob a mão do eterno,  
Criado ao chão, menarca do deserto,  
Como Salan domado pelo arração,  
Dormes por todo o século dos séculos.  
Mas quanto es grande mesmo adormecido!  
Ruge o tronco no peito que resfolha;  
Um boledo turbilhão em teu anelito;  
Se arquejas sobre o leito, o céu se torça,  
As nuvens se convolvem na prócela.  
Foge a base ás montanhas que se abismam,  
Treme a terra abatada nos seus eixos.  
Dorme, ó gênio das águas! Quando ao senho  
Terrível do Senhor, tu despertares,  
O mundo voltará de novo ao caos.

#### III

Eis o deserto! Surge alem, ao longe,  
Mar de florestas, sobre o viar dos rios.

Penetrando os umbrais da virgem pátria,  
Minh'alma, repousemos um instante,  
Peregrinos, pisamos terra santa  
E nunca profanada. Aqui na rama  
Desta planta sem nome conhecido,  
Limpezas a poeira das sandálias,  
Que roçaram na lama das cidades,  
E o chão varreram já da praça pública.  
Oh! Não lancemos, não, pó de ruínas,  
Que esbocam da caduca sociedade.  
Nem farpas do esqueleto carcomido  
Do mundo, sobre o vão em que se expande  
Deste solo a robusta mocidade.  
Ignorante e simples, como outrora,  
Quando bebias dos maternos lábios  
O limido balbucio nas carícias,  
Leite e polen que a infância te nutriram;  
Virgem, como do nada tu saístes,  
Veio, ó minha alma, a prece purifica.  
Adore ao Criador o teu silêncio.  
Contempla, admira, sente, eré, não pense!  
Vem te engolfar nas auras desta bri-o  
Da harmonia e fagacância, essência e eler-  
Imerge o seio nas torrentes d'ouro,  
Sacia-te da luz que a ferros mana,  
Beija este solo, nosso antepassado,

Cujo humor nutre ainda a tênue arália  
Do corpo que o teu fogo intenso abraça.  
Banha-te no cristal daquelas águas  
Que se esfolam nas lapas da cascata  
Em borbotões de espuma. Este batismo  
Vigora e juvenece a mente enfermea.

Joclio em terra! — Estamos no deserto.  
Grande e imenso deserto, sólo angusto  
Da virgem natureza americana;  
Leito de amor, no qual o grande rio  
Fecunda o ventre desta selva antiga;  
Imagem do infinito, monumento  
Da primitiva criação do mundo;  
Profunda solidão que a majestade  
Concebeu, e o poder de um Deus unânime;  
Vasta amplitude em que a alma se dilata  
Além dos horizontes da existência,  
A embaber-se na luz da eternidade;  
Brasil selvagem, solo agreste e rudo,  
Que da lázara gente o bajo impuro  
Não sentiste a crescer-te a flor do rosto;  
Vale, donde formou-se o grande império,  
Quando passou a cluridão dos mares;  
Berço de minha pátria; eis-me em teu seio!

#### IV

Como es donosa, mãe, no verno júbilo,  
Da sempre renascente juventude;  
Custa esposa, do banho perfumado  
Na formosa nudez que o pejo veste,  
Palpitante de amor, em langue espasmo  
Parece que do caos, surgindo agora,  
Dalgozares do céu, ruidosa a face,  
Merga nos beijos do sol, dobras o colo.  
E como a hinda esposa, entre ruidores,  
Desata o labio e colhe vergonhosa  
A vida noutro labio de que vive,  
Tu, ao roçar da luz estremecendo,  
Abres o seio e bebes no deliquio  
A seiva da brilhante florescência.

Tudo e subitane, tudo. Em teu regaço  
Como ao ralar do mundo, nestes linhos,  
O espirito de Deus paira nos asas.  
Da vida eterna re deliba o gozo  
No sopro criador que te bafeja.  
Faltou-se ainda a mão omnipotente  
Nestas moles de serras de granito  
Que figuram descer do céu á terra;  
Na vigorosa incrustação das rochas  
Yasadas pela lara incandescente  
Do fogo que soldou no espaço o globo;  
No luxo exuberante desta argila,  
Que não se basta para em si conter-se,  
E forma em cada planta um novo solo.  
Ambito imensuravel, sem limites.  
A gramínea tu narras do ser maximo!  
Nem a civilização que o homem pastu  
Como ril combustivel, consumindo-o  
Na chama que depura a humanidade;  
Nem soberbos inventos, que do mundo  
A loucura presume que o realçam,  
Mas só revelam dele a inutilidade,  
A sobre singeleza desfloram  
Destes campos. Ainda aqui não veio  
A ciência arrogante, cujo orgulho,  
Se atreve a disputar, verme da terra,  
Ao Senhor os mistérios do infinito.  
Monumentos de rica arquitetura,  
Tirros de pedra em que dum povo extinto,  
Le-se a miséria, alguma vez a glória;  
Nunca as artes ergueram nestes plainos.  
Nunca o homem aqui, sombra de um dia,  
Enfaleceu do pó, sobre o futuro.  
Apenas toco esboço desenhado

Sobre o rochedo, e simples urna fúnebra,  
Daima imortal, misterioso culto,  
Certo presentimento doutra vida,  
Dizem ao viandante solitário,  
"Aqui também sofreu a raça humana".  
Como a garça, que brinca sobre as águas,  
De faceira espeijando a extreme alvura,  
Apenas sente as algas da corrente  
Manchar-lhe a ponta das ligetras asas,  
Mergulha, se espantada e ao sol aquece  
As plumas que de nitidas esplendem;  
Sempre isenta viveste, ó pátria minh'al  
Se o homem te crestava a tez mimosa,  
Banhavas no oceano a linda espádua,  
Que enzuagava da luz no régio manto,

#### V

Mas olha!... Já buleão de espesso fumo,  
Que a turba delirante arrasta ao vortice  
Da ambição, lá negreja no horizonte.  
O cavalo a vapor bufando espuma,  
Campeia, escarva o chão, relincha e parte,  
Trapa a terra, sorrendo o espaço, e fuge;  
Das áridas estejes vem do Cáucaso  
Pastar nos Andes a vidente grama.  
Seu hábito abraçado já te escalda,  
De longe embora, a fronte. Em breve tempo  
Aqui virá pisar com ferrea pata  
As flores mais mimosas de teus vales  
E a túnica de reias que te cobre.  
Cavalga a fera o gênio do progresso,  
Espírito de luz; são chama as asas,  
Tem do corisco o voo; o rastro é cinza.  
E deve profanar-te, gentil pátria,  
A graça virginal destas campinas.  
Culto bastardo de emprestadas artes?  
Há de ornar-te nas festas de teus filhos,  
Pálida rosa murcha doutros climas,  
O desbotado lírio? De vaidosa  
Deixarás que a nativa graça velem  
Com louquias de labor estrangeiro?  
Esquecerás acaso as melodias  
Das florestas, a pompa majestosa,  
E a selvagem poesia destas brenhas?

Não! Deus que te formou com tanto esmero,  
Mimo da criação e primor dela,  
Que ao mundo te ocullou por longas eras  
Para em ti se reter no doce enlevo.  
Como pai extremoso que recata  
Da virgem pura o cândido melindre;  
Deus te sorri! E's filha predileta;  
Das Indias a mais moça e a mais formosa.  
Se tua irmã do sol é róseio berço,  
Tu és do rei da luz a jovem noiva;  
Trajarás do progresso o manto esplêndido,  
Hão de sagrar-te entre as nações, rainha,  
Mas sem prostituir ao velho mundo  
Teu brio nacional, pudor de pátria.  
Serás grande, Brasil, em ti eu creio,  
Como creio no Deus que me ilumina!

Neste horizonte impido e sereno,  
Gaze de luz tecida em áureos linhos,  
Que vela do Senhor a face angusta,  
A mente se arrebatou aos altos vãos.  
Um turbilhão de idéias inda em polen,  
Larvas do pensamento adornecidas  
No cálice da flor, no puro aljor,  
Do orvalho que tremula sobre a folha,  
Esperam ao calor da inteligência  
Para de enchaime abrir as asas rufilas.  
A natureza aqui mostra no tipo  
Das belas formas, no matiz brilhante,  
Como nas melopéias do deserto,  
Um molde original, sublime ritmo,  
Qual nunca o pressentira o gênio darta.

#### VI

Teus filhos, pátria, o sangue teem dos Lunos,  
Que dum revez da espada outro hemisfério  
Talharam do infinito. Cujas lanças  
Hoste da cruz, gravou a lei de Cristo  
Onde a voz não chegou de seus apóstolos.  
Povo exigiu, assinou-lhe Deus o berço  
Da cabeça da Europa, sobre o crânio;  
Donde os arcanos rasgae do futuro  
E do universo as raias descortine.  
Estreito promontório, minho digna  
Prestes a desferir os largos surtos;  
Essa nega de terra, ainda sobrava  
Para confer-lhe o reino; mas não cabe  
O grande coração da raça ilustre,  
Que alem, buscando espaço onde respira,  
Conquista o mundo antigo, inventa o novo.

Teus filhos... Forem, mãe, outros tíveis  
Antes que trado o Atlântico arrogante  
Pela furia dos novos argonautas  
Que osuraram sujelizar-lhe as ondas líreas,  
Do oriente os lancoses no occidente;  
Antes que o mar, qual tigre saciado  
Que a presa repudia, nesta plaga  
Rejeitasse os intrepídios corsários;  
Luminava teus campos soberanos  
Uma raça valente, grande e forte.

Raça jovem, dos brios na pujança,  
Nascera neste vale, estenso berço  
De jocos turosores, que mais tarde  
Em longas migrações se derramaram,  
Como vetas de rápidas torrentes  
Cavam, rompendo a lapa, alveos na rocha.  
Daqui partiram eles á conquista  
Das regiões do sul. Nunca vencidos,  
Os limites mediram pelas armas  
Do vasto continente avassalado,  
Onde cada nação plantara a taba  
E dera a seus guerreiros nova pátria.

#### VII

Onde estão estes povos primitivos?  
Que é de nossos irmãos, teus primogénitos,  
De teus filhos selagens, minha terra?  
Extinguiram-se! Alguns dispersos vagam,  
Pelos antros se acoutam como feras,  
Enrojados, perdido o antigo lustre,  
Dejeneres da pura e nobre casta.  
Poucos, dos ritos pátrios renegando  
Abraçados, á cruz, á sombra dela,  
Misturaram seu sangue ao sangue estranho.  
Quase todos morreram defendendo  
O solo que dos pais guardava as cinzas,  
Os campos dos avós glória e conquista,  
E a liberdade, lei, direito santo.  
Mas que direito ao lei, culto profundo  
Fera religião de um povo indomito.  
Em torno aos filhos seus recém-nascidos,  
A cascavel coltea estremecendo  
De inefável prazer. Terna se engolfa  
Na delícia de os ver á imagem sua;  
Ora em doces anéias toda se enroscas,  
Palpitante de amor os cinze e estreita,  
Porque mãe, outra vez, inda os conceba.  
Mas súbito o perigo perto assoma.  
Eis que das nuvens gavião, que patra,  
Abate o voo as garras encrenecendo;  
A serpente se assanha, silva, estila.  
O veneno, terrível brande a cauda.  
Antes que armando o bote, enriste o coio,  
Raspa o hiato e na larga fauce aminha  
Os entes que perou. No afã supremo,  
Egoísmo de mãe, sublime e justo,

Devora a prole que salvar não pode,  
No seio que a formou, vira sepulchra.  
Assim os filhos teus, pátria, embalsamaste  
Na sombra das florestas, sobre as águas,  
De ramor da cascata. No roquar



# POETA — "Os Filhos de Tupan"

De teus vales em flor, meiga os cingias.  
Mas veio enfim o sol da desventura.  
Quando errantes, nas matas foragidos,  
Estrangeiros na terra de seu berço,  
De esmorecida a fronte reclinaram;  
Abrindo o seio e nele os recolherse.  
Priorale ser mãe orfã de filhos,  
A ser pátria de raça vil descravos.

Ah! que voz triste e grave encho o silêncio,  
Pela amplidão dos ermos rebando;  
Que gemido plangente e merencório  
Sofia a floresta das profundas crustas  
Apenhido o vento nas gargantas  
Das alcantilas, uhlá solenente;  
O grande rio, opresso da borrasca,  
Arreia na agonia e se convulsa,  
Da lufada sulfúrea ao dolo ardente,  
A negra comia as árvores despenham.  
Os mil rumores vagos, indecisos,  
Que ali, aqui, crepitem pela sombra,  
Quais dobres pulsantes da grande artéria  
Do globo, se condensam longe e longe  
No lugubre estertor da natureza.  
Tu choras, pátria, choras por teus filhos,  
Oh! silêncio, minha alma, respeitemos  
A dor da mãe, viva, orfã da prole!

## VIII

Eram filhos de sua virgindade  
Primeiros que no seio concebera,  
E inocentes o peito lhe morderam.  
Eram belos como ela. A tez morena,  
Crestada ao sol, brilhava com reflexos  
Da cobre encandecido pelo raiar.  
Negros os olhos, negros os cabelos,  
Como o basalto dos rochedos pátrios;  
Rosto nu que moldava o pensamento  
Das linhas do perfil. O talhe ereto,  
Como os órgãos da grande cordilheira,  
Qual alceastre bambi vergava airoso;  
Forma esbelta de serpe, em que se elava  
Do centro a robustez, do tigre a força.  
Almas rudes e ingênuas, corpo atlético,  
Enlaidado em bronze, esculpido na rocha,  
Tinham herdado de seu Deus o nome.  
Chamavam-se Tupis, heróis e filhos  
De Tupan, criador e pai dos homens.

Ensinou-lhes somente a natureza,  
Uma ciência — amor; uma arte — a guerra.  
A terra em que nasciam, desvelada  
Trabalhava por eles, mãe e escrava.  
Aprio tronco brotando entre penhascos,  
Fúido, em borbotões manava o leite,  
Que no peito materno, homens robustos,  
Sugavam toda infância para o mundo.  
Destilava nas lágrimas douradas,  
O beijo das gomas recentes,  
Incenso o sassafraz. Perene a abelha  
De rosado licor enchia os favos;  
E cada sol, dos cocos sazonava  
A polpa delicada e o fino creme.  
As vestes encontravam já fecidas  
Na casca da marinha; e na plumagem  
Das aves seus ornatos de ouro e púrpura.  
Uma palmeira só dava à família  
Armas, sombra, alimento, fogo e vinho;  
O teto da cubana, e as rijas malhas  
Da rede, que embalava amor de esposo.

Raiou de leite e mel, luz e perfume,  
A vida em flor, aqui desabrochava;  
Os lábios a coíliam num sorriso,  
Não crestada por hábito ofegante;  
Das bagas do suor não rozejava,  
Alé na morte a vida era suave  
E a terra mãe, um aspeito na relva.  
De veneno uma gola; e vinha a noite  
E dormiam do sono que não sonha.  
Aa, pátria, por que a vida tão risonha  
Lhes fizesse, não luta, mais enteco?  
Os olhos com teus beijos lhes cerravas,  
Que não vissem além o mundo ingrato!

Eram felizes no infantil concheço  
De teu grêmio. Se a folha já caduca  
Do cajueiro que despira os ramos,  
Alguma vez levava tristes luas.  
A nova lhes trazia festa e júbilo.  
A prole que em Tamandará surgindo  
Da voragem das águas, renascera,  
Mais forte e vigorosa florescia.  
Da haste fragil saíra uma família;  
A família medrara e fez-se tribu;  
As tribus dividiram-se crescendo;  
E a grande raça, tronco já frondoso,  
Que botava embrião sobre o dilúvio,  
Formava cem nações, fofos, pujantes,  
Cem nações que cem chefes dirigiam,  
Reconhecendo os chefes um mais alto,  
Pai dos povos na paz, senhor da guerra.

## IX

Eram felizes. Quando o caso estranho  
De espanto e horror encheu a raça heróica.  
E porque de Tupan conjure as iras,  
Manda o grande anár, que o deus inspira,  
Buscar a guerra ao cimo das montanhas,  
E traz-la da pátria ao seio virgem  
Para a sede aplacar da terra amiga.  
Foi então que dos cimos altaneiros  
Dos Andes despenharam na planície

Al, pátria, por que a vida tão risonha  
As turbas dos Oromos, gente bárbara,  
Que da afronta cruel rupe vingança.

Correu a flecha, nuncia do combate;  
O troceno mandou as longas labas  
A voz do chefe, e os ecos responderam.  
Como em ondas caudais juntando as águas  
No largo e imenso leito do Amazonas  
Se transformam num mar tamanhos rios,  
As cem nações tupis se ergueram, umas;  
Braços de um corpo só, podem gigante.  
O prudente Iruama, o grande chefe,  
Os filhos de Tupan conduz à guerra.

Em meio da campina que se alarga  
Pelo deserto além, planta Iruama  
O sacro maracá do povo egreço;  
A cabeça da guerra, assim chamada,  
Porque nela respira a alma sombria  
Do bravo Areski, do torvo nome,  
Que odeia a paz, despreza amor e vinho;  
A quem deleita a festa dos combates,  
Onde beba do sangue a rubra espuma.  
Da lança que erguntara, sobre o topo,  
Ergue-se o vasto crânio, a fronte hiruta,  
De herói, que aos homens ensinou a guerra,  
El-lo o tremendo vulto, o gesto aspérrimo,  
Que no lenho esculpiu com rubras tintas  
Do vidente abarê a arte sublime.  
Os olhos coruscantes, que afrontavam  
Os raios de Tupan, das fundas órbitas,  
Fulminam de pavor os inimigos.  
E inspiram nos Tupis a força invicta.  
Quando vibrada pelo vento a lança,  
Na boca hianti freme-lhe o bramido,  
Como estilha de rocha que fracassam;  
Era assim que rangiam do guerreiro  
Os tijos dentes no furor da pugna.

Quando vós do sul a tempestade,  
Antes que sobre o mar envergue as asas,  
Cobre do Corcovado o largo dorso;  
Mas entre a bruma surte o cimo altillo  
Que domina sereno os horizontes.  
O povo dos Tupis antes que arroje  
Sobre o inimigo a sanha, lá rodeia

O grande abasté, que sobranceiro  
Sofia da guerra o miral soberbo.  
Disse Iruama: — "Filhos de meu arco,  
Fortes chefes e filhos de meus filhos,  
E netos de Tupi, primeiro homem,  
Gerado pelo vento na palmeira;  
Florestas de guerreiros que eu habito;  
Tupan nos ama, pois nos manda a guerra.  
Da guerra vem a força para o corpo,  
Como vem da torrente a força d'água.  
O sol trouxe o inimigo a nossos campos  
Mas há de aqui deitá-lo como a sombra  
Lastrando pela terra fria e negra.  
Quer Iruama e seus guerreiros queiram  
Que o sol não morra sem que morra o último".

## X

A voz do chefe que a vitória ordena,  
Lá responde a pocema dos guerreiros.  
"Tupan! Tupan! Tupan! crebro rebrama  
Com possante clamor o povo e brande  
Os tacapes que embatem nos escudos.  
Freme a selva Tupan; e de eco em eco  
Pelas fragas Tupan rolando, ao longe  
Tupan refroa; além Tupan ribomba."  
Sua então dos Tupis o canto d'êlico:  
"O grande pai do céu manda a seus filhos  
Inimigos sem conta, como as ondas  
Manda aos rios e a flor à sapuêlia.  
Eles veem nos trazer as lindas filhas  
Que sonham noiva rede em nossas tabas.  
Veem de sangue orvalhar os nossos campos  
Porque se enfora o pequí da mata,  
E de cor de encarnado o cardo brilha.  
Vem aar-nos a colar dos alvos dentes;  
Dos ossos o bore rijo e sonoro.  
Eles veem como a seca folha d'arvore,  
Que ao tronco já não volta em que nascera  
E negro pó da terra o vento a leva.  
Quer Iruama e seus guerreiros queiram  
Que o sol não morra sem que morram todos".

"O jeroz Areski manda ao guerreiro  
Inimigos valentes, como a onça  
Manda ao jaguar, e o vento manda a chama,  
Eles vem dar aos velhos a vingança;  
Aos mancebos trazer nome de guerra.  
Veem os vãos medir as nossas flechas,  
O peso do tacape que brandimos,  
E do braco tupi a força inata.  
Veem do negro oitibó malar a fome,  
Porque de noite os sonhos não agoure;  
Eles veem como as águas da torrente  
Que ao seio mais não volvem da montanha  
E se perdem na areia do deserto.  
Quer Iruama e seus guerreiros queiram  
Que o sol não morra sem que morram todos".

As guerras inimigas se desdobram  
Pela imensa campina, como nuvens,  
Pejadas de tufão, lúmens de raios,  
Que chocando-se rompem nas chapadas  
Da excelsa Ithapaba. Um estampido  
Horissono, um fragor medonho e fero,  
Voz da turba, do mar, da tempestade,  
Rebos pelo espaço e vai rugindo,

Trouxo da terra, estremecer os astros.  
Luz em torrentes, alto o sol dardreja;  
O céu resplende azul, a terra flores;  
Canta a floresta hosana ao rei do dia;  
Volve além majestoso o grande rio.

## VARIANTES DO PRIMEIRO CANTO

- V. 3 Nos antros da montanha vivendo raiva.  
V. 7 Ave, Amazonas! Rei dos reis das águas.  
V. 18 A cabeça recolina sobre os Andes.  
V. 20 Si corpo enorme ressumo atendendo.  
V. 21 Pela terra que verga com seu peso.  
V. 22 Os mil braços a abelha pelas serras.  
V. 23 Contor pediam dentro do seu âmulo.  
V. 24 Outros mundos ainda neste mundo.  
V. 30 Alcada a fronte, a juba horripilante.  
V. 33 Lhe estirga o corpo no impetuoso esgorço.  
V. 38 Seus raios humidos a farejar.  
V. 39 De longe. A selva pastam-lhe do sangue.  
V. 41 Vermes que lhe pululam nas entranhas.  
V. 42 São encharcas cetáceas, viva male.  
V. 45 Rosariam por seu corpo, de insectos.  
V. 51 Dorme. A gênio do abismo, atado ao posto.  
V. 52 Quando à voz do Senhor tu despertares.  
V. 108 Ao Senhor, os arcanos do infinito.  
V. 120 Como a terra, servendo a equivo, vós  
V. 302 Os desbotados lírios? De valdeiros  
V. 303 Deixarás que a lindosa te distancem

## NOTAS

- V. 4 POCEMA — Grito de guerra dos tupis de pe-mão e cema-clamar; porque o alarido era acompanhado de gestos de danças e pelo estripado das armas.  
V. 5 INOBLA — Trombeta de guerra dos tupis.  
V. 6 TAMU — Herói da mitologia dos tupis; significa o Avô, e dele descendia a grande nação dos Tamoios, E o Abrahão dos Tupis. Mitologia ou mitos dos tupis é expressão de Humboldt — Voyage au nouveau continent — tom. 8, pag. 243.  
V. 7 O MAIOR DOS OCEANOS — o Pacífico; e A MAIOR MONTANHIA — os Andes. O Amazonas nasce na encosta oriental dos Andes entre 8° e 84° lat. oeste, cerca de 100 leguas distante da costa do Pacífico, e atravessa toda a América do Sul para vir lançar-se no Atlântico, com um curso de 3.000 leguas.  
V. 19 CATARATAS — et cataractae coeli apertas sunt. (Gênesis 1° XII).  
V. 23 OS CEM BRAÇOS — Os inumeráveis afluentes do Amazonas.  
V. 29 O MAR SOBERBO — Descrição do fenômeno da peroraca. Tentou-se na onomatopéia de toda esse lrecho imitar o estrondo das águas do mar repeli-das pela corrente do rio.  
V. 34 O CONCOR — Contamine — Voyage en Amérique Méridionale, pag. 175: "Le fameux oiseau appelé corat e par corruption corat que j'ai vu en plusieurs endroits des montagnes de la Province de Quilo, se trouve aussi, si ce qu'on m'a assuré, en val, dans les pays bas au nord du Marazion. J'en ai vu planer au dessus d'un troupeau de moutons."  
V. 42 MAE D'ÁGUA — E as lendas populares do Brasil um espírito ou gênio, que produz a inundação, e que a imaginação do povo representa na figura de uma moça de prodigiosa formosura com os olhos verdes e as tranças muito longas.  
V. 44 SUCURU — Cobra que devora um boi. Encontraram-se de lambari e gominha descompostados nos grandes rios do Brasil ao tempo da descoberta; hoje tem-se extinguido. Alguns exploradores viram-nas maiores de 40 pés. Em várias províncias dão-lhe o nome de sucucurá ou sucucurubá; Gabriel Soares chama-a balana.  
V. 48 ANIMALAM — Animalar é tornar em animal; e animalizar é dar qualidade de animal. Igua diferença à que existe entre humanas e humanizar.  
V. 53 SÉCULO DOS SÉCULOS — Per senia seculi seculorum, etc. — Ut interant in seculum seculi. Salm. XCII. 8.  
V. 14 CUJO HUMOR, etc. — O vale do Amazonas é aqui tomado como a imagem do Brasil antes da descoberta; é a pátria americana, o símbolo da terra natal.  
V. 134 O espírito de Deus paira nas asas — Et spiritus Dei perbatat super aquas. Gênesis, Cap. I, v. 3.  
V. 138 No sobre criador que te bafiza — Fornavit igitur dominus Deus hominem de limo terre, et inspiravit in faciem ejus spiraculum vitae et factum est homo in animam viventem — Gen. Cap. 2° v. 7.  
V. 145 E forma em cada planta um novo solo. Alusão à vegetação parasítica, tão exuberante em nosso país, e que dá um aspecto original e novo às florestas da América tropical.  
V. 147 A grandura das naras de um ser grande — Cœli mirrant gloriam. Dei Salm. 18 v. 2.  
V. 165 Apenas toco esboço desenhado... Sobre o rochedo, o simples urso fúnebre.  
V. 180 Que enrugava da luz no régio manto — Amictus lamine, scut vestimenta — Pr. 101 v. 1.  
V. 123 Das fúlias a mais moça e a mais formosa. Índias Orientais foi o primeiro nome dado ao Brasil pelos Portugueses, para diferenciá-lo das Índias Orientais.  
V. 206 Nascera neste vale, estenso berço. E é a opinião de Humboldt, quando fala dessa "imensa Mesopotâmia que se estende entre o Amazonas, o Orenoco e o Rio Negro". Vol. 89 p. 138. A tradição dos tupis que dominavam a costa do Brasil no tempo da descoberta, razava de uma endogamia nuchada do Norte para o Sul.  
V. 273 Onde cada nação plantava a taba. Tabu — aldeia — Era para os selvagens nômades, ou emigrantes o mesmo que a tenda do Beduíno; isto é, a pátria conquistada, o ponto de repouso das correrias guerreiras.  
Pátria dizia-se retama.  
V. 283 Deleixera à semelhança de coníferas — Os adjectivos parasitivos, tão usados na língua latina, são uma necessidade (inevitável) na linguagem poética, cuja concisão e harmonia não comporta o emprego de palavras de muitas sílabas.  
V. 304 Almas rudes e ingênuas, corpo atlético. Fundido em bronze, esculpido na rocha. Sobre a estatura dos selvagens, lê-se Humboldt: — Viagem ao novo Continente. "Ces Canibos sont des hommes d'une stature peu que athlétique." — Humboldt 74 p. 207.  
V. 307 Chamavam-se Tupis, heróis e filhos. De Tupan, criador e pai dos homens. Tupan — Deus dos Tupis — Tu-panga — alma de vida.  
V. 303 Aspre tronco brotando entre penhascos. Ferido em borbotões manava o leite. Que no peito materno homens robustos Sugavam toda infância para a natureza. A árvore chamada pela cerna espanhola pelo de vasa,  
(Continua na página 13)

# A estátua de José de Alencar

(Discurso de Machado de Assis, na cerimônia de sua inauguração)

Senhores:

Tenho ainda presente a eça em que, por algumas horas últimas, pousei o corpo de José de Alencar. Creio que jamais o espetáculo da morte me fez tão singular impressão. Quando entrei na adolescência, fulgiam os primeiros raios daquele grande engenho; vi-o depois em tanta copia e com tal esplendor que eram já um sol, quando entrei na mocidade. Gonçalves Dias e os homens do seu tempo estavam feitos; Alencar, de Azevedo, como livro era a boa-nova dos poetas; falecera antes de revelado ao mundo. Todos eles influíram profundamente no animo juvenil que apenas balbuciava alguma coisa; mas a ação crescente de Alencar dominava as outras. A sensação que recebi no primeiro encontro pessoal com ele foi extraordinária: creio ainda agora que não lhe disse nada, contentando-me de fitá-lo com os olhos assombrados do menino Heine ao ver passar Napoleão. A fascinação não diminuiu com o trato do homem e do artista. Daí o espanto da morte. Não podia crer que o autor de tanta vida estivesse ali, dentro de um féretro, mudo e inabituado por todos os tempos dos tempos. Mas o mistério e a realidade impunham-se; não havia mais que enterrá-lo e ir conversá-lo em seus livros.

Hoje, senhores, assistimos ao inicio de outro monumento, este agora de vida, destinado a dar à cidade, à pátria e ao mundo a imagem daquele que um dia acompanhamos ao cemitério. Volveram anos; volveram coisas; mas a consciência humana diz-nos que, no meio das obras e dos tempos fugidios, subsiste a flor da poesia, ao passo que a consciência nacional nos mostra na pessoa do grande escritor o robusto e vivaz representante da literatura brasileira.

Não é aqui o lugar adequado à narração da carreira do autor de Iracema. Todos vós sabeis que foi rápida, brilhante e cheia; podemos dizer que ele saiu da Academia para a celebridade. Quem o lê agora, em dias e horas de escolha, e nos livros que mais lhe aprezam, não era ideia da fecundidade extraordinária que revelou, tão depressa entrou na vida. Desde logo pôs mãos à crônica, ao romance, à critica e ao teatro, dando a todas essas formas do pensamento um cunho particular e descolheu. No romance, que foi a sua forma por excelência, a primeira narrativa, curta, simples, mal se espaçou da segunda e da terceira. Em três saltos estava o Guarani diante de nós; e daí veio a sucessão crescente de força, de esplendor, de variedade. O espirito de Alencar percorreu as diversas partes da nossa terra, o norte e o sul, a cidade e o sertão, a mata e o pampa, fixando-as em suas páginas, compondo assim com as diferenças da vida, das zonas, e dos tempos a unidade da sua obra.

Nenhum escritor teve em mais alto grau a alma brasileira. E não é só porque houvesse tratado assuntos nossos. Há

um modo de ver e de sentir, que dá a nota íntima da nacionalidade, independente da face externa das coisas. O mais francês dos sempre trágicos franceses é Racine, que só fez falar a antigos. Schiller é sempre alemão, quando recompoê Felipe II e Joana D'Arc. O nosso Alencar juntava a esse dom a natureza dos assuntos, tirados da vida ambiente da história local. Outros o fizeram também; mas a expressão do seu genio era mais vigorosa e mais íntima. A imaginação que sobrepunha nele o espirito de análise, dava a tudo o calor dos trópicos e as galas vigorosas de nossa terra. O talento descreveu, a riqueza, o mimo e a originalidade do estilo completavam a sua fisionomia literária.

Não me lembro aqui as letras políticas, os dias de governo e de trilhama. Toda essa parte de Alencar fica para a biografia. A glória contenta-se da outra parte. A politica era incompatível com ele, alma solitária. A disciplina dos partidos e a natural sujeição dos homens as necessidades e interesses comuns não podiam ser aceites a um espirito que em outra esfera, a dispanha da soberania e da liberdade. Primeiro em Atenas, era-lhe difícil ser segundo ou terceiro em Roma. Quando um ilustre homem de Estado respondendo a Alencar, já então apeado do governo, conjurou a carreira politica à do soldado, que tem de passar pelos serviços ínfimos e ganhar os postos gradualmente, dando-se a si mesmo como exemplo dessa lei, usou de uma imagem feliz e verdadeira, mas ininteligível, para o autor das Minas de Prata. Um ponto há que notar, entretanto, naquele curto estadião politico. O autor do Gaúcho carecia das qualidades necessárias à tribuna, mas quis ser orador, e foi orador. Sabemos que se batem galhardamente com muitas das primeiras vozes do parlamento.

Desengano dos homens e das coisas. Alencar volveu de todos as suas queridas letras. As letras são boas amigas; não lhe fizeram esquecer inteiramente as amarguras, é certo; senti-lhe mais de uma vez a alma enojada e abatida. Mas a arte, que é a liberdade, era a força redentora do seu espirito. Enquanto a imaginação inventava, compunha e polia novas obras, a contemplação mental ia vencendo as tristezas do coração, e o misantropo amava os homens.

Agora que os anos vão passando sobre o óbito do escritor, é justo perpetuá-lo, pela mão do nosso ilustre estatuario nacional. Concluindo o livro de Iracema, escreveu Alencar esta palavra melancólica: "A jandia cantava ainda no olho do coqueiro, mas não repetia já o mavioso nome de Iracema". Tu, do passa sobre a terra". Senhores, a filosofia do livro não podia ser outra, mas a posteridade é aquela jandia que não deixa o coqueiro, e que ao contrário da que emudeceu na novela, repete e repetirá o nome da linda tabajara e do seu imortal autor. Nem tudo passa sobre a terra.



A estatua de José de Alencar, na praça que tem o nome do grande escritor brasileiro, na capital da Republica

## EMILIA - José de Alencar

Não parava aí a fealdade da pobre Emilia. A óssea estrutura do talhe tinha nas espaldas, no peito e nos cotovelos, agudas saliências que davam ao corpo uma aspereza lúria. Era uma boneca, desconjuntada a miúdo pelo gesto ao mesmo tempo brusco e tímido.

Como ela trazia a cabeça constantemente baixa, a parte inferior do rosto ficava sempre na sombra. A barba ingluhe pelo pescoço fino e longo; faces, não as tinha: a testa era comprida sob as pestas batidas do cabelo, que repuxavam duas tranças compridas e espessas.

Restava apenas uma nesga de fisionomia para os olhos, o nariz e a boca. Esta rasgava a maxila de uma orelha a outra. O nariz romano seria homito em outro semblante mais regular.

Os olhos negros e desmiedadamente grandes afundavam na penumbra do sobrolho sempre carregado, como buracos, pelas órbitas.

A respeito do traje, que é segunda epiderme da mulher e pétalas dessa flor animada, o da menina correspondia ao seu fisico.

Compunha-se ele de um vestido liso e escorrido, que fechava o corpo como uma bainha desde a garganta até os punhos e os tornozelos; de um lenço enrolado no pescoço, e de umas coleças largas, que arastavam, escondendo quase toda a botina.

Emilia ainda assim não parecia satisfeita. Estava constantemente a encolher-se, fazendo trejeitos para mergulhar o resto do pescoço e o queixo

no talho do vestido, e sumir as mãos no punho das mangas. Caminhando, dobrava as curvas, afim de tornar comprida a sua curta; sentada, metia os pés por baixo da cadeira.

Tinha um cuidado extremo em puxar para a frente as longas tranças do cabelo, que andavam sempre a dançar-lhe, como antolhos, pelo rosto. Se lhe falava alguma pessoa de intimidade da familia, não lhe voltava as costas, como fazia com os estranhos, mas sentia logo uma necessidade invencível de coçar a cabeça, acompanhada por um repuxamento dos ombros. Eram modos de atravessar o braço diante do rosto e furtar o queixo, escondendo assim o que lhe restava de fisionomia.

Muitas vezes o sr. Duarte zombava com terna ironia desses biocos da filha:

— Deixa estar, Mila!... dizia ele abraçando-a. Vou mandá-la fazer para ti um sacco de lã com dois buracos no lugar dos olhos.

Tal era Emilia aos quinze anos.

Entretanto, quem soubera a anatomia viva da beleza, conhecera que havia nessa menina feia e desengraçada o arcaibouço de uma soberba mulher. O esqueleto ali estava, só carecia de incarnação.

Ainda me lembro da cólera infantil de Emilia, quando, a primeira vez que esteve com ela, eu a perseguia de longe, chamando-a:

— Minha noiva!

— Feio! dizia-me então.

E pronunciava essa palavra, como se ela simbolizasse a maior injúria possível.

## Duas poesias de José de Alencar

### Estrela da Tarde

Boa noite, minha estrela!  
Vem consolar-me, estou triste;  
Volve a face: — quero vê-la...  
Ontem, má, nem me sorriste!

Por entre as alvas cortinas  
Das nuvens no branco seo  
A meiga fronte reclinou  
Sempre com tanto receio!

Os anjos puros de Deus  
Amam, pesar de inocentes;  
Mas tu, nem dos olhos meus  
A meiga preece consentes.

Em que te ofende o olhar  
Que só de longe te implora?  
Ao menos deixa te amar  
Não ames, estrela, embora.

Já é tarde... Vais dormir?  
Adeus, mas volta amanhã...  
Ah! foges sem me sorrir!  
Boa noite minha irmã!

### ZELOS

Tenho ciúme  
Do ar que gira  
E que respira  
O teu perfume

Tenho ciúme  
Da luz que bebe  
Nos olhos d'Hebe  
O brando lume.

Tenho ciúme  
Desse reitro  
Que ouve o suspiro  
Do teu queixume.

Tenho ciúme  
Da flor, senhora  
Que em ti adora  
Celeste nune.

Tenho ciúme  
De quanto existe  
Que me faz triste  
E me consome.

Estas duas poesias do grande escritor brasileiro foram publicadas na "Cidade do Rio", em 25 de fevereiro de 1889, acompanhadas da seguinte nota:

"JOSE DE ALENCAR — Presentamos hoje os nossos leitores com duas produções poéticas inéditas, de José de Alencar, graças à gentileza de sua exma. familia que nos cedeu para este fim os dois trabalhos do ilustre literato brasileiro. Escusado é querer lembrar que eles trazem a data de 1857, época em que a poesia no Brasil estava longe de sujar que havia de ser o assombro de hoje. Uniam-se por esse tempo as grosserias poéticas de Gonçalves de Magalhães, e atrozavam os ares os gritos guerreiros de Gonçalves Dias. Tinha passado apenas como um relâmpago o genio admirável mas antes prosador que poeta, embora ainda em embrião; aquele moço extraordinário que se chamou Manoel Antonio Alvares de Azevedo.

Escritos naquele tempo de verdadeira desorientação na literatura brasileira, as duas produções do aplaudido romancista tem incontestável valor. E elas serviriam sem dúvida para atestar a fibra poética que José de Alencar possuía tão vibrante e afinada, se já não fosse essa a nota que palpita em toda a prosa de Iracema, e na maioria de suas obras, entre as quais — não somos o primeiro que o afirma — avultam algumas de alto merecimento".



# José de Alencar, político — Carta ao Imperador O PAMPA — José de Alencar

X

"A honra é sempre a melhor política". Foi não somente uma bela frase, como uma obra gloriosa de Washington. Atualmente que se desenvolve entre nós um fervor de americanismo, seria para desejar que, antes dos bracos e artefatos, transportassem de preferência para esta América as virtuosas tradições daqueles rigidíssimos cidadãos, que primeiro civilizaram a liberdade no novo mundo.

A prosperidade material, que muitos sonham e esperam da colonização, das estradas de ferro, da navegação dos rios, que fora sem a regeneração moral do país? Matéria para a combustão; pasto aos vermes.

A grandeza material deste império é obra de Deus. A exuberância do solo, a força criadora do clima, não de faz-lo opulento infalivelmente. De que mais necessitamos é da grandeza moral; das virtudes que ornem a juventude dos povos; e já mareamos nós, império de ontem, nos vícios das nações decrépitas.

O primeiro ato do novo gabinete, creio que será pedir-vos a dissolução da Câmara. A exposição dos motivos desse decreto valerá ante o país com a decisão formal e completa da política inaugurada.

Ainda que a Câmara estivesse disposta a aceitar a nova ordem de coisas, a verdade do

sistema representativo e o decoro parlamentar exigiam a provocação às urnas.

A Câmara representante imediato do povo, exprime a opinião atual do país, a opinião que vigorava desde o tempo de sua eleição até o momento presente. Quando o monarca entende que o bem do Estado reclama outras idéias, estranhas às lutas existentes, é preciso que a opinião se pronuncie explicitamente sobre a nova política proposta pela coroa.

A Câmara anterior é anacrônica para essa política futura: seu apoio não patentearia o voto nacional. O Senado não saberia qual atitude tomar. Por outro lado ficaria pairando sobre a fácil assembleia uma forte suspeita de corrupção ou freqüência.

É por isso que o Ministério de 30 de maio de 1882 subverteu as formas parlamentares. Inaugurando uma terceira política, extranha às duas faces da opinião reinante no parlamento, não provocou, como deveria, o pronunciamento nacional.

Qual foi a consequência? A nova legislatura apenas instalada repudiou o gabinete, declarando por tal modo que a nação fora governada cerca de dois anos contra seu voto.

Os vícios do nosso sistema eleitoral, ninguém os desconhece; não obstante, sob a influência regeneradora da revolução iniciada pela coroa e a ação de um governo justo, devemos esperar que a nova Câmara seja

pelo menos sã e moralizada. Em pior regime se elegeram a constituinte e as legislaturas de 1826 e 1830, assembleias notáveis pelo patriotismo e independência.

Quando porém aconteceu que a nova legislatura sala das urnas contaminada pela venalidade, ou se deprave na verificação dos poderes, dissolveu-se de novo, senhor, e sem hesitação, embora preste decidido apoio ao gabinete. Será um exemplo de moralidade. A posição que assumirdes perante a nação há de acordar a consciência pública. O país sentirá que desceia reinar sobre um povo moralizado.

Essa insistência da coroa é legítima e salutar, apesar do que pretendam certos terroristas.

Um dos maiores políticos dos últimos tempos, Cavour, também pensava que a dissolução, longe de ser uma violência à vontade nacional, é o meio de imprimir à sua manifestação maior solenidade. Ele dissolveu em 1853 uma legislatura não obstante a grande maioria que o apoiava; era necessário fazer sentir ao Senado, que resistia, a firmeza da opinião do país a respeito da secularização dos bens eclesiásticos.

Não teríeis necessidade porém de insistir, senhor. Esta expansão veemente do espírito público a respeito de vossa augusta pessoa é nuncia de uma crise salutar que se há de operar sob o influxo da iniciativa imperial. A nova legislatura corresponderá à situação; e votará as reformas mais urgentes, apoiando francamente o gabinete, porém mantendo leia sua dignidade.

Deve aparecer no país uma oposição; qualquer que seja a perversão de seus instintos, desde que combater um governo honesto, será coagida a moralizar-se para lutar com vantagem. Digna o grande Pitt: "Se não tivéssemos uma oposição, seria necessário inventá-la".

O primeiro e grande benefício de vossa política será a restauração dos partidos e sua depuração. A virtude reassumirá seu império; a emulação para o bem voltará. As idéias atualmente sufocadas pelo egoísmo poderão sair a lume; em vez das grosseiras elididas da corrupção, os princípios combaterão com as armas leais e nobres da inteligência, que não geram rancores.

Eles sentirão a necessidade de buscar o apoio das diversas classes do país, cujas tendências formam as moléculas da opinião. A agricultura, o comércio, as letras, as artes, terão a par da administração voto na causa pública, e pesarão na balança social.

Restaurados os partidos, o feudalismo das posições oficiais desaparecerá para dar lugar à verdadeira aristocracia do mérito, corrigida pela opinião, e renovada pela seiva popular. Ao clume e egoísmo que aleijam o talento, há de suceder a emulação que desenvolve as valentes inteligências.

Os ministros notáveis não ofuscam o brilho do trono, antes o realçam. A história não mostra um só grande rei, isolado dessas vigorosas individualidades, que são na frase do evangelho "o sal da terra" e o creme dos povos.

Criai, senhor, estadistas eminentes; suas obras, como seus nomes, serão raios de vossa glória.

Quando os ilustres representantes da geração que vai sumir-se, possam encher os seus dias com uma velhice de Chalmers e Palmerston; quando aos novos estadistas, que se estão gastando em um do'roso atrilho de paixões acérrimas, se ofereça a longa carreira de Canning, Russell e Gladstone; e à mocidade brasileira não se antolhe um sonho impossível a rápida ascensão de um William Pitt ou Robert Peel; a coroa que vos cinge a augusta

Como são melancólicas e solenes, ao pino do sol, as vastas campinas que cingem as margens do Uruguai e seus afluentes!

A savana se desfilava a perder de vista, ondulando pelas sangas e coxilhas que figuram as flutuações das vagas nesse verde oceano. Mais profunda parece aqui a solidão, e mais pavorosa, do que na imensidade dos mares.

E' o mesmo erro porém seiado pela imobilidade, e como que estupefato ante a majestade do firmamento.

Raro eorta o espaço, cheio de luz, um pássaro erradio, demandando a sombra, longe na restinga de mata que borda as orlas de algum arroyo. A trecho passa o poldro bravo, desgarrado do magote; e-llo que se vai retoncando alegremente babujar a grama do próximo banhado.

No seio das ondas o naua sente-se isolado; é átomo envolto numa dobra do infinito. A âmbula imensa tem só duas faces convexas, o mar e o céu. As ondas se agitam em constante flutuação; teem uma voz, murmuram. No firmamento as nuvens cambiam a cada instante ao sopro do vento; há nelas uma fisionomia, um gesto.

A teia oceânica, sempre majestosa e esplêndida, ressumbra possante vitalidade. O mesmo pego, insondável abismo, exubera de força criadora; miríades de animais e povoados, que surgem a flor da água.

O pampa ao contrario é o pampo, o torpor da natureza.

O viandante perdido nas incertas planícies, fica mais que isolado, fica oprimido. Em torno dele faz-se o vácuo; subita paralisia invade o espaço, que pesa sobre o homem como livida mortalha. Lavour de jaspe, um balúo na lamina azul do céu, é a nuvem. O chão semelha a vasta lápide musgosa de extranho pavimento. Por toda a parte a imutabilidade. Nem um bafo para que essa natureza palpale; nem um rumor que simule o balbucio do deserto.

Famosa inanição da vida no seio de um alívio de luz!

O pampa é a pátria do tufão. Ai, nas esteiras nuas, impera o rei dos ventos. Para a fúria dos elementos inventou o Criador as rizeiras cadavericas da natureza. Diante da vaga impetuosa colocou o rochedo; como leito do furacão estendeu pela terra as lindas savanas da América e os ardentes areais da África.

Arrojado-se o furacão pelas vastas planícies; espede-se nelas como o poltro indomito; convolve a terra e o céu em espesso turbilhão. Afinal a natureza entra em repouso; serena a tempestade; queda-se o deserto como danças, plácido e inalteravel.

E' a mesma face impassivel; não há ali sorriso, nem ruga. Passou a borrasca, mas não ficaram vestígios. A savana permanece como foi ontem, como há de ser amanhã, até o dia em que o verme "homem" corraer essa crosta secular do deserto.

Ao por do sol perde o pampa os toques ardentes da luz meridional. As grandes sombras, que não interceptam montes nem seivas, desdobram-se lentamente pelo campo fora. E' então que assenta, perfeitamente na imensa planície o nome castelhano. A "savana" figura realmente um vasto lençol desfilado por sobre a terra e velando a virgem natureza americana.

Essa fisionomia crepuscular do deserto é suave nos primeiros momentos; mas logo após ressumbra tão funda tristeza que estraga a alma. Parece que o vasto e imenso orbe terra-se e vai minguando a ponto de espremer o coração.

Cada região da terra tem uma alma sua, raio criador que lhe imprime o cunho da originalidade. A natureza infiltra em todos os seres que ela gera e nutre aquela seiva própria; e forma assim uma família na grande sociedade universal.

Quanto arres habitam as esteiras americanas, sejam homem, animal ou planta, inspiram nelas uma alma pampa. Tem grandes virtudes essa alma. A coragem, a sobriedade, a rapidez são indignas da savana.

No seio dessa profunda solidão, onde não há guarda para a defesa, nem sombra para abrigo, é preciso apontar o deserto com intrepidez, sofrer as privações com paciência e suprimir as distâncias pela velocidade.

Até a árvore solitária que se ergue no meio dos pampas é tipo dessas virtudes. Seu aspecto tem o que quer que seja de arrojado e de eremido, naquele tronco derrado, naqueles galhos convulsos, na folhagem desgredinhada, há uma atitude atlética. Logo se conhece que a árvore já lutou com o pampetro e o veneno. Uma terra seca e poucos arvoredos bastam à sua nutrição. A árvore é sóbria e afeta às incógnitas da sua abstração. Veio de longe a semente; trouxe-a o vento nas asas e a-irou-a ali, onde medrou. E' uma planta imitativa.

Como a árvore, são a ema, o leuro, o corcel, todos os filhos bravos da savana.

Nenhum ente, porém, inspira mais energicamente a alma pampa do que o homem, o "gaúcho". De cada ser que povoa o deserto, torna ele o melhor; tem a velocidade da ema ou da corça, os brios do corcel e a vengência do leuro.

O coração, feio a natureza franco e descorinado como a vasta coxilha; a paixão que o agita lembra os impetuosos do furacão, o mesmo bramido, a mesma pujança. A esse turbilhão do sentimento era indispensável uma amplitude de coração, imensa, como a savana.

Tal é o pampa.

Esta palavra originária da lingua guichua significa simplesmente o plano; mas sob a fria expressão do vocabulo está viva e palpante a idéa. Pronunciado o nome, como o povo que o inventou. Não vemos no sem choro da voz, que reboea e se vai propagando, expirar no vago, a imagem fiel da savana a dilatar-se por horizontes lindos? Não ouvis nessa majestosa onomatopéia repercutir a surdina profunda e incercória da vasta solidão?

Nas margens do Uruguai, onde a civilização já babouja a virgindade primitiva dessas regiões, perdeu o pampa seu belo nome americano. O gaúcho habitante da savana, dá-lhes o nome de campanha.

"O GAÚCHO"

fronte estará na altura de vosso nome.

O Brasil era menor há vinte anos; porém estava então mais alto, porque na sumidade que domina o trono brilhavam os grandes nomes de nossa história, de que bem raros e eclipsados restam. A pátria valia mais aos próprios olhos e a consideração das nações estrangeiras. Homens de grande mérito e alta posição eram enviados nas missões diplomáticas, hoje quase abandonadas.

Desbastem-se as clientelas para se formarem os nomes gloriosos, que atestam a existência de um grande rei e de um grande povo. Eles são como as árvores gigantes que medram nas encostas das altas montanhas, onde exubera o humus da terra, e manam do alto ricos mananciais.

Senhor. O penoso sacrifício está consumado.

Muitas vezes arranquei a verdade do coração rebelde que a recusava; outras mais senti a

mágoa de a ter proferido; porém ante a majestade não sou um homem; sou uma idéa, como ela é uma instituição.

Há uma força fatal e inventível que impele as idéias a prorromperem através de uma época, ainda quando o indivíduo que lhes serve de condutor deva ser despedaçado. E' um profetiz que arrebatada; deixá-lo; o canhão arremessará outros.

Não teem nome as idéias. A verdade é o unico batismo, como a razão é o unico foro, para os indivíduos que se fazem idéias, e se incorporam na massa da opinião.

Minha individualidade nunca foi estorvo a censura. Se alguma parte ela teve nos fatos que a razão a frio condena, a culpa lhe cabe, e mais grave que as outras.

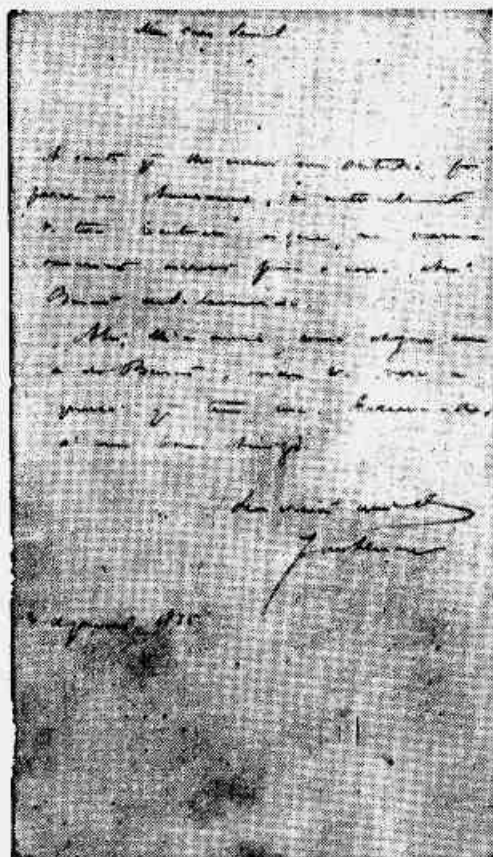
Não a defendi contra a própria consciência, não a defendei agora de vossa justa severidade.

24 de janeiro.

ERASMO

## Correspondência de escritores

### CARTA DE JOSÉ DE ALENCAR A LEONEL DE ALENCAR



Meu caro Leonel,

A carta que lhe escrevi em outubro foi parar no Amazonas e naturalmente você terá recebido a que na mesma ocasião escrevi para o nosso amigo Barão de São Leonardo. Ai lh'a envio como chegou com o do Barão, onde você verá a queixa que tem sua. Escreva-lhe, é um bom amigo. Seu irmão amigo,

JOSE DE ALENCAR.

3-Janeiro-1875.

# José de Alencar, jornalista — A agricultura

# José de Alencar, orador

(Discurso sobre a viagem imperial, proferido na sessão da Câmara dos Deputados de 9 de Maio de 1871)

O Brasil é um país essencialmente agrícola.

A natureza o destinou para essa nobre indústria, dotando-o de um solo vasto e úmido, em cuja área se encontram todos os climas.

A índole e os hábitos de seus primeiros povoadores desenvolveram essa disposição originária, criando as lavouras que ainda hoje são a única fonte importante de nossa produção.

O regime colonial, com toda a sua brutalidade, não contrariou nunca, antes protegeu a seu modo o espírito agrícola das suas possessões americanas. Não por favor às fábricas e manufaturas do reino, foram proibidos no Brasil certos ofícios e aconchegada a lavoura das terras.

Estava reservada ao governo constitucional a triste e ingrata missão de combater surdamente, pelo mais absurdo sistema econômico, o incremento da nossa indústria, desviando o trabalho de seu curso natural.

Proclamada a independência, não era possível que se organizassem logo as nossas finanças, sobretudo quando as dissipações do primeiro império, menores todavia que as atuais, exauriam o tesouro, e o obrigavam a recorrer aos expedientes ruinosos.

Mas o prurido de mostrar proficiência econômica fez copiar dos livros franceses sofismas refutados pelo simples bom senso, e rotinas sem aplicação ao nosso país.

Um dos sofismas foi esse de que os empréstimos são fontes de renda, axioma preconizado pelo marquês de Abrantes, quando Calmon, o chefe da escola que inaugurou neste país sem fábricas e sem manufaturas e regime protetor dos velhos Estados europeus.

Então a escola da livre permuta combatia em França essa abusiva economia dos governos que pensam desenvolver a indústria nacional encarecendo os produtos similares de procedência estrangeira.

Era essencial que o Brasil tivesse também um sistema protetor, como depois veio a ter contencioso administrativo, e outras exóticas importações, sem o que não seria uma nação civilizada.

Mas o que havia a proteger neste país sem riqueza fabril? Os nossos financeiros não se preocuparam com essa bagatela; e quando pelo diante a anomalia tornou-se flagrante, tomaram um engenhoso expediente.

Como faltava a indústria para ser protegida, cuidou-se em criar, por meio de loterias e subvenções, umas fábricas enfadadas, que servissem de pretexto às enormidades da tarifa, e dessem ao a falar-se enfaticamente no parlamento — da indústria nacional.

Os nossos financeiros têm a ingenuidade de crer que o sistema protetor, ou, por outra, a elevação das taxas, aumenta a receita; e como eles não cogitam do povo e sim do fisco, estão convencidos que não há outra ciência além dessa de faltar bastante os gêneros de maior consumo.

Assim radicou-se em nossa administração o funesto regime; e se fosse possível chamar à barra da nação todos os ministros que o defenderam e consolidaram, nenhum, estou certo, se mostraria contrito dos males causados por tão grave erro.

Talvez ao contrário se apresentassem ufanos de sua obra, e reclamando as bênçãos da pátria pelos serviços prestados com sua gestão.

Entretanto, o erro aí está patente; e a decadência da nossa agricultura, confessada pelo governo e apegada no parlamento, não é outra coisa senão a consequência lógica e fatal de

um tacanho regime aduaneiro e, portanto, a obra longamente trabalhada dos nossos financeiros.

Falta de capitais, de braços, de transporte, de estudos profissionais, todas estas causas apontadas do atraso de nossa lavoura, não são causas, mas efeitos da causa única: a nossa ignorância econômica, ou, antes, a nossa índole rotineira.

Em verdade, não era precisa a ciência para mostrar que um país, onde o fisco la encarecendo gradualmente a vida pela exorbitância dos direitos de consumo, devia necessariamente empobrecer em cabedais, em braços, em trabalho, e até em estímulos.

O que admira é que ele tenha resistido à compressão de semelhante sistema e a ponto de ainda ser atualmente no mercado universal o primeiro produtor de café.

Mas as circunstâncias se agravaram de modo que, afinal, os poderes do Estado se preocuparam da questão agrícola, que é, sem contestação, o nosso máximo problema econômico.

Depois de uma grande ostentação de inquéritos e relatórios, com que se pretendeu arremendar, mas só na papelagem, as práticas inglesas, votou-se uma lei chamada de auxílios à lavoura.

Triste epigrama!

Para sanar os efeitos de um regime econômico, filho da restrição e do privilégio, a ciência financeira do nosso governo não achou outra coisa senão um odioso monopólio!

O poder já invadiu tudo. Depois de absorver pela centralização a vida política e administrativa das localidades, ele começou a lançar as raízes do enorme pólo pelo campo das relações civis.

Monopolizou o crédito; avassalou o comércio; subvencionou a indústria; e domina até as profissões liberais pelos privilégios que reparte entre os seus favoritos. O Ministério da Agricultura criou duas novas classes: os advogados administrativos e os advogados imperiais.

Restava porém a agricultura. Em todos os tempos e em todas as nações, sempre essa classe distinguu-se pela sua independência e isenção, como por seus princípios de ordem e moralidade.

Em nosso país era ela talvez a base única de uma resistência legal e pacífica, mas perseverante e enérgica, às invasões do poder. Com sua costumada sagacidade a coroa viu o perigo, e encampou também a indústria rural.

Criou-se uma agricultura oficial.

Ela o único sentido e o efeito único da lei chamada de auxílios à lavoura, a qual, se ainda não produziu todos os males de que vem pejada, é porque o mercado monetário de Londres retraiu-se, espantado ante a nossa prodigalidade.

Quando, porém, cada província, ou cada município, tiver o seu engenho e fazenda central, subvencionados pelo governo, a máquina administrativa ficará montada; e as lavouras serão, como as outras empresas, meras secções do Ministério das Obras Públicas.

Tal é o estado desanimador de nossa agricultura. Entretanto, para os males que a acabrunham, como para os que afligem o país em geral, há um remédio: remédio tão simples e desprezado, como eficaz.

E' a liberdade.

Mostraremos depois como, ao seu influxo poderoso, sem tutela nem subvenções, a nossa lavoura surgiria do abatimento e declínio a que chegou, para tomar um novo e vigoroso impulso e com ela todas as indústrias do país, atrofiadas pelo atual sistema financeiro.

(D' "O Protesto").

Estou me alongando de mais; porém, senhores, receio não poder voltar a esta discussão, e a Câmara terá a condescendência de ouvir mais algumas considerações em relação à questão. Não convém que passe despercebido no parlamento o exame de assuntos que tanto interessam à causa pública.

Estabeleci a competência da assembleia para restringir a regência do príncipe imperial, da herdeira presuntiva da coroa; mas não basta; surge a questão de conveniência, que muito frequentemente em nosso país costuma prejudicar a questão do direito e do princípio.

Convém conceder a princesa imperial o uso pleno das prerrogativas majestáticas, como está consignado na proposta?

Não, senhores, não convém; e não só não convém, como há nesse alvitre perigos muito sérios para o país e para a dinastia.

Vou entrar no desenvolvimento desta tese: mas para que o possa fazer com plena beneção de espírito, devo primeiramente arrear uma suspeita que há de surgir, se já não surgiu.

Entre as atribuições majestáticas figura a de dissolver o parlamento, uma das mais graves e importantes funções da realza, e uma daquelas que, a exemplo da lei de 14 de junho de 1831, deve ser restringida.

Esta opinião, senhores, não faltará quem a atribua ao receio da próxima dissolução. Embora eu considere esta sugestão a Câmara e cada um dos seus membros muito superiores a semelhante suspeita...

O sr. Coelho Rodrigues — Apoiado.

O sr. J. de Alencar — Entendo que é de meu dever repeli-la. Quanto a mim especialmente, confesso que preferia voltar para a oposição e a prosseguir nesta tarefa impropria que me impôs de combater meus amigos.

Realmente, senhores, quando vejo ministros conservadores, esquecidos dos compromissos solenes com que subimos ao poder, transigirem com a influência indebita da coroa; quando vejo nesta situação, que se proclama conservadora, um programa de governo, do qual dizia ontem um nobre senador pela Baía que parece foi escrito em 1867, verdadeiro anacronismo político; quando vejo propagar-se hoje pelas idéias mais ardentes de nossos adversários, aquelas que nós combatemos na adversidade; confesso que faço votos profundos para que o meu partido torne à oposição e venha lutar no mesmo campo onde esteve em 1867 e onde eu ainda me acho.

Senhores, esta Câmara talvez ignore que a sua sorte está escrita no livro do destino. Ainda lhe restam alguns dias de vida, quantos forem necessários para prestar um serviço relevante, para cobrir com sua responsabilidade dois fatos graves: a viagem imperial e a emancipação do elemento servil.

Quando o partido conservador tiver feito prova desta admirável condescendência; quando ele perder o direito de acuar os promotores do mal, porque terá acedido a sua cumplicidade; então será encostado como instrumento burro. Isto, senhores, não é uma conjectura; é a verdade estampada na fisiologia da situação; é um programa de governo consignado na fala do trono.

Com efeito, exigir desta Câmara conservadora, desta Câmara composta de cidadãos que combateram a idéia da emancipação do elemento servil; desta Câmara que sustentou o Ministério Itaboraí, e o ano passado lhe deu um voto de confiança para tranquilizar os ânimos; declarar a esta Câmara que é tempo de resolver a questão, equivale a dizer: "Se realistas, a dissolução; se con-

descendeis, a perda da força moral". Em ambos os casos o suicídio; mas ao menos, o da resistência é glorioso!

Eu, portanto, senhores, não sou levado pelo receio de uma dissolução a defender a necessidade da restrição. Se há algum meio de prolongar a existência desta Câmara, é justamente o que nos oferece o governo; é votar a proposta imperial e consagrar a revolução social do elemento servil.

Caso passasse uma emenda restringindo o exercício das atribuições majestáticas da regência, a Câmara seria imediatamente dissolvida, e outra convocada para revogar aquilo que houvessemos feito, e dar à princesa imperial a plenitude do poder. Pois bem; eu sinto não ter, em vez do meu único, cem votos para provocar o poder a essa dissolução imediata. Sinto do mal profundo de minha alma, porque assim preparava ao meu partido, ou um grande triunfo, ou uma queda gloriosa.

Senhores, é no próprio interesse da augusta princesa imperial que eu entendo que se deve restringir o exercício da regência. Se a dissolução é sempre um ato grave que abala o país, quanto mais não o será exercida essa atribuição por uma regência efêmera? Imaginal qual não será a irritação do partido decaído, sobretudo se o entrar a crença de que não se realizaria esse golpe de estado se estivesse à testa do governo pessoas mais experimentadas, o verdadeiro soberano?

E hei de eu, monarquista sincero, que defendo não só a instituição, como a dinastia, hei de com o meu voto concorrer para uma situação tão preñe de perigos? Não, senhores, por forma alguma. E cumpre não esquecer a provocação que o gabinete de 7 de março acaba de lançar ao país exigindo que se resolvesse pronta e apodadamente a questão do elemento servil.

Ora, senhores, desde que uma questão incandescente, uma questão gravíssima, é assim lançada na arena, cumpre que esteja presente o chefe do estado, aquele que a fomentou, para recuar, se ainda for tempo. Dar à augusta princesa imperial o exercício pleno das atribuições majestáticas, é animá-la a resolver a questão do elemento servil.

Entendo eu, porém, senhores, que é esta uma das questões que não podem ser resolvidas senão estando presente o chefe do Estado; o contrário não seria digno dele nem conveniente para o país. Não se afrontam crises desta ordem com interdições.

Se pode haver algum perigo mais sério do que a resolução precipitada da questão do elemento servil, é sem dúvida esse de sua resolução na ausência do chefe do Estado.

Uma voz: — Apoiado.

O sr. J. de Alencar — Querem resolver a todo transe a questão do elemento servil? Sejam lógicos; chamem ao poder aqueles que iniciaram a questão, que devem ter medido seu alcance, que podem contar com um partido compacto em favor dela; que devem em suma carregar com sua responsabilidade.

Acredito que se os conselheiros da coroa tivessem submetido ao soberano estas e outras considerações, Sua Majestade houvera refletido muito seriamente antes de expor sua augusta filha às tribulações de uma regência em situação tão arriscada.

Já afirmei à Câmara que não há exemplo de regência ilimitada; citei a lição histórica dos países constitucionais e absolutos, os precedentes de Inglaterra, resta-me citar o nosso precedente, a lei de 14 de junho de 1831, que vigorou para a

primeira e segunda regência eletiva.

Bem sei que este argumento muito incomoda aos sustentadores da regência do direito divino; eles não admitem o paralelo. Como comparar o regente hereditário com o regente eleito? O príncipe com o cidadão? O membro da dinastia com um plebeu?

Quando ouço, senhores, considerações desta ordem, duvido de mim, e julgo-me transportado de alguma Rússia ou Turquia onde se fale português. (Riso).

Pois no nosso país essencialmente democrático, em que todo o poder tem a sua raiz no povo, donde tira sua força e legitimidade, se podem sustentar, a não ser por notável aberração, semelhantes paradoxos? Há no Brasil quem pretenda provar a superioridade de uma regência hereditária sobre uma eletiva?

Por que, senhores, neste país o rei é rei, e o príncipe é príncipe? Porque a nação o quer. (Apoiado). Pois é este o mesmo princípio, é este o mesmo título da legitimidade do regente eletivo, com a diferença de que no regente hereditário predomina apenas um acidente de nascimento, e no regente eleito há a manifestação solene da nação; um reconhecimento público dos dotes morais, do civismo, das virtudes do cidadão que ela ergue ao primeiro cargo, à cúpula do poder.

Tenho, senhores, considerado a questão por todas as faces, e examinado aqueles argumentos que me ocorreram, e que são geralmente apresentados em sustentação da opinião que combato; se outros forem produzidos na discussão, e eu puder, voltarei a tomar parte nela.

Se me fosse permitido, agora, desta tribuna, onde só devo falar à nação, dirigir à augusta princesa imperial, que vai brevemente reger este império, algumas palavras, eu lhe diria muito respeitosamente:

"Senhora, não aceiteis o presente funesto que vos querem fazer. A nação vos chama à regência, mas não souz ainda a soberana; não podeis assumir o exercício pleno das atribuições majestáticas. Neta, do fundador deste império, inaugurai o vosso governo dando um grande e fecundo exemplo. Sujetai-vos à mesma lei que vigorou para a regência eletiva; mostrai que no cumprimento da Constituição não há diferença entre o príncipe e o cidadão, porque ambos são súditos da soberania nacional. Identificai-vos assim com o vosso povo e tereis feito em uma hora, a bem do país, a bem da instituição monárquica, e da vossa dinastia, mais do que outros fizeram em muitos anos".

Vozes — Muito bem, muito bem.



Alencar no fim de sua vida



# José de Alencar no conceito dos seus contemporâneos

DE FRANCISCO OTAVIANO:

Contra meus votos, torcendo minhas aspirações e só por muita deferência a meu sogro, passei do folhetim literário e ameno do "Jornal do Comércio" para a redação política do "Correio Mercantil". Comunicando à direção daquele jornal a necessidade em que me via de separar-me dele, fui intimado, como é de cortesia na despedida dos ministros, para apontar o meu sucessor.

— José de Alencar, respondi sem hesitação. Os diretores do "Jornal" não mostraram nesse dia o lino que bem os encaminhava sempre. A "Semana", agredida, não por grande merecimento intrínseco, mas por aquele espírito alegre, vivaz, pronto, a que namorara todas as belas coisas, que comovera todas as grandes ações, desde a riqueza generosa até a pobreza bem suportada, espírito que a tudo se atreve, menos a ofensa por interesse, e que ora é sentimental com naturalidade, ora zombeteiro sem fei. Esse espírito é um resplendor passageiro: só nos ilumina por poucos anos na aurora da vida. Começava a despotar em José de Alencar, em mim já lá declinando. Procurou-se para a "Semana" a grande ilustração, o estilo clássico, mesmo o grande talento; mas não se procurou o "felício", o demônio inspirador dos vinte anos. De meu conselho se lembraram os diretores do "Jornal": já era tarde. Eu estava constituído em centro de partido, redator principal do "Mercantil" e cabeça de família. Abdicara de mogo. Não podia mais poetizar, não podia andar solto pelo campo da imaginação: tinha de aceitar um roteiro de jornada, em que eram defesas as peregrinações à Boêmia. Reconheceu a necessidade de ter Alencar a meu lado. Ele, cedendo a um sentimento que o honra, preferiu dar-me o seu concurso a alistar-se na turma de meus competidores.

No correr de 9 de agosto de 1853 dele recebi este aviso:

"Otaviano — Lembra-te do que conversamos domingo, à noite, vindo de Botafogo, e especialmente de um projeto que me comunicaste, o qual me diz respeito e se há de realizar em setembro? Se te lembra, deves lembrar-te também do que te eu disse na ocasião, que a seguir uma carreira nova para mim desejava começá-la a teu lado e debaixo de tuas vistas, porque me sorri essa ideia de continuarmos colegas e amigos, embora já lá vão os tempos de São Paulo. Entretanto, segundo te percebi, qualquer resolução a este respeito não depende unicamente de ti, pois que então sei que seria negócio feito. É necessário o acordo de outros, e este acordo, bom ou mau para mim, eu precisava sabê-lo hoje. Tive, pela manhã, um oferecimento vantajoso, o qual facilmente adivinhas, porque direta ou indiretamente concorrereste para ele. Não o aceitei por precisar consultá-lo. Comprometi-me porém a dar uma resposta hoje e por isso volto-me para ti. A noite desejo terminar isto: tu dirás com quem. Preciso dizer-te que te consulto não só pelo dever rigoroso em que estou depois do que me dissteste, como por interesse meu: quem ganha se contigo eu for, não és tu, sou eu pelo que te disse no começo, e por outras razões que te direi. Vem jantar comigo no Hotel da Europa: conversaremos sobre este respeito com mais largueza. Irei ao "Mercantil" esperar-te às 3 horas. Todo teu — Alencar."

"P. S. — Esqueceu-me dizer-te que qualquer das duas coisas que se realize, "Correio Mercantil" ou "Jornal do Comércio", desejava que ficasse em segredo. De qualquer dos dois modos te vou substituir e, por conseguinte, prefiro que a dificuldade da posição recaia sobre um nome ignorado absolutamente."

Pelo tempo que recebi esta carta os conselheiros de redação do "Mercantil" eram meu sogro, o sr. Muniz Barreto, e os sr. Souza Franco e Sales Torres Homem.

Deixaram-me plena liberdade de ação. O acordo, de que eu falara a Alencar, era somente o de meus colaboradores do trabalho diário, porque foi costume, de que nunca me apartei, prover a harmoniosa pessoa de meus companheiros. Podiam pensar como lhes apossasse, mas era essencial que se não combatassem publicamente, e mais do que tudo, que se estimassem pessoalmente. Para eles foi motivo de fôrta a comunicação reservada que lhes dei, da carta de Alencar. Não podia haver fatura maior. Adivinhavam todas as suas grandes forças intelectuais, e todos lhe queriam bem. As 5 horas da tarde José de Alencar era parte da redação do "Correio Mercantil".

DE PEDRO LUZ:

ADÉUS, IRACEMA

Lá da montanha azul na florida campina  
Sempre ouvíras em sonhos os peregrinos cantos  
Que murmurou na terra a tua voz divina...  
Mas ao hino de amor misturará seus prantos  
A saudade — meu bardo — a nossa dor suprema!  
Vertem lágrimas hoje as flores de Iracema.

DE J. SALDANHA MARINHO:

Os Lamartines não foram talhados para a política. Teem o seu mundo a parte. Na larga e brilhante esfera, a que foram destinados, assentam sua glória. A política, que não os aprecia e que jamais foi compreendida por eles, não lhes daria

posição mais real, mais elevada e nobre do que aquela por eles conquistada nos labores literários, por um grandioso talento e profundo estudo. Homens dessa ordem, homens como José de Alencar, não morrem. A matéria sucumbe, mas o espírito mantém a sua posição, não fenece. O poeta é imortal. Nas letras deixa seu nome esculpido em caracteres indeleveis, e as letras lhe perpetuam a glória. A pátria, orgulhosa, bendiz sempre o filho que tão luminosos traços deixou no caminho anão e sublime que trilhou na vida.

DE QUINTINO BOCAIUVA:

A escuridão que vai dilatar-se (quem sabe por quantos anos!) na literatura nacional servirá de atestar a imensa perda que acaba de afligir-nos com a morte de José de Alencar. Tanto é verdade que os grandes homens, como as grandes montanhas, podem ser avaliados pela sombra que projetam. Como André Bello — a cabeça culminante da raça latina nos dois mundos — José de Alencar deixa um vazio impossível de preencher nas letras americanas. Homens dessa estatura servem, na orografia moral do mundo, para assinalar os mais altos cimos do engenho humano.

DO VISCONDE DE TAUNAY:

Vinde, casta e gentil Cecl, melancólica Isabel, graciosos Guida! Vinde, meiga e doce Iracema, enríchosa Diva, e vós, alviva Senhoral vinde todas — formosas filhas do gênio de Alencar — entreter uma capela de brancas saudades para aquele que vos deu vida ideal, cheia de luz e de imarcescíveis encantos!

DO BARÃO DE PARANAPIACABA:

De teu laurel de glória  
A mais formosa gemma  
Burla a pátria história  
Na lenda de Iracema.

Como Virgílio ao Dante,  
Cooper no céu te espera,  
Estrela cintilante  
Da constelada esfera.

Já Deus te deu descanso;  
Deu-te de eleito a palma;  
Tiveram já remanso  
Os estos de tu'alma!

DE BTTENCOURT SAMPAIO:

De pé por sobre a bronca penedia  
Estava o Gênio da floresta; — o vento  
No ermo sibilar, enquanto atento  
Junto dele um cantor ali se via.

— Que procuras, mancebo, noite e dia  
Com tanto afan e ardor no pensamento!  
— O passado, o passado!... e s'aurota  
Leva aos lábios a inóbia que trazia.

— Vem, pois, lhe disse o Gênio em tom ardido  
Serei teu guia e mestre: tem ao certo  
A vitória quem luta convencido...

Partiram; das florestas ei-los perto...  
Brada o cantor parando comovido:  
— Joelho em terra! Estamos no deserto!

DE GUSMÃO LOBO:

Daquele se pode dizer que não honrou menos a razão do que o seu nobre instrumento: a palavra.

Um só de seis livros, e "Sistema Representativo", talvez o que menos haja contribuído para a sua grande voga de escritor, mas com certeza o que maior cabedal de cogitação lhe deve ter custado, bastaria a perpetuar a memória da prodigiosa individualidade, que o futuro admirará em cinquenta diversíssimos volumes.

Despedida a luz, pode o astro apagar-se. Nem por isso ele percorrerá o espaço com menos brilho. DE FERREIRA DE ARAUJO:

Deve considerá-lo feliz aquele que conseguir percorrer uma só das esferas da atividade intelectual com brilho aproximado ao que revelou José de Alencar percorrendo-as todas.

DE ANDRÉ REBOUÇAS:

Foi por certo o sublime Espírito de Alencar quem inspirou a Otaviano fundar sobre seu túmulo a Associação dos literatos brasileiros. Destes, alguns teem, talvez, como Alencar, gênio inventivo, grandioso e ousada inspiração, e talento variadíssimo, nem um, sem dúvida, possuiu sua prodigiosa devoção ao trabalho. Possa o auspicioso lábaro — José de Alencar — ser estímulo eterno e dizer incessantemente:

Brasileiros! Estudai, dia e noite, a maravilhosa natureza americana; ao esplendor do sol, à melancólica luz da lua, e ao simpático cintilar das estrelas do Cruzeiro do Sul! Trabalhai sem descanso na obra monumental da criação e engrandecimento da literatura nacional!

DE JOSE DO PATROCÍNIO:

Foi uma contradição: tinha as valentias de um gênio e as fraquezas de um ânimo apressivo.

DE TITO FRANCO:

José de Alencar... "celestial in dicendo vir".

DE EMILIO ZALUAR:

Oh, Filhos de Tupan! Brilhantes Sonhos d'Ouro!  
Vós sois do gênio seu e ideal tesouro!  
Do sol americano o ralo mas fecundo  
Traçou a sua glória a órbita do mundo!

DE FREDERICO REGO:

Os livros de José de Alencar são como as floras tropicais que expandem-se à metá da que o sol vai subindo no horizonte. Como o espírito daquele eminente escritor, não tiveram poente, eles também não conheceram o crepúsculo.

DE FRANÇA JUNIOR:

Há nomes que marcam época impercível na vida dos povos. Batejados pelas aureas celestes, tornam-se os apóstolos de uma geração inteira e perduram indeleveis no bronze da história. José de Alencar era um desses nomes. Os seus escritos que ali ficam, frutos de um cérebro luminoso e infatigável, são hinos em louvor da pátria. Quem melhor do que ele pintou os esplendores desse cenário grandioso, onde o Supremo Arquitecto dos mundos espargiu com mão profusa os mais brilhantes tesouros de sua onipotência? Quem com mais critério e energia defendeu as nossas instituições? A literatura para José de Alencar foi um sacerdotio. Nas lutas da política, nos fastos do jornalismo, nos conselhos da coroa, no romance, no teatro, em todas as manifestações, enfim, do seu espírito cintilante, via-se o literato. E é esta a sua glória! A biografia de José de Alencar resume-se em duas palavras: "gênio e trabalho".

DE AFONSO CELSO JUNIOR:

A pátria, n'angústia extrema,  
Chorou ao vê-lo partir,  
Como a ovidada Iracema  
Sentindo o amado fugir!  
E agora... dele a memória  
Nos fundos mares da história  
Desliza calma, ideal...  
Como o batel dos gentios  
Nos verdes mares bravios  
Da sua terra natal!...

DE CARLOS DE LAET:

Se viver é pensar — de heróis longevos  
este o primeiro foi... E a longa ideia  
jundiu qual bronze, que asseberba os evos,  
no jornal, na tribuna, na epopeia.  
Se viver é sentir, — sentiu por quantos  
lhe escutaram no drama as suas lições,  
quando ao ropro do gênio, em riso ou prantos  
estavam fremendo as multidões.  
Viveu! Que luz, oh pátria, tão brilhante!...  
E por que é noite vós carpi-los agora?  
Ninguém lamenta o sol que desce ovante:  
Fora descer d'aurora!

DE LINO D'ASSUNÇÃO:

Como todos os grandes escritores destinados a passar à posteridade, José de Alencar inspirou-se na verdadeira fonte da legítima inspiração — nas tradições populares. Observando e analisando com elevado critério o seu meio, evocando do seio das florestas as poéticas lendas dos indígenas, dando a velha crônica a forma amena do romance, produziu essas obras que hão de durar tanto quanto a língua em que as escreveu. Por isso, a sua pena investigadora e inspirada, correntia e espontânea, e, sobretudo, essencialmente brasileira, há de ser adorada nos nítidos da pátria, como símbolo do ensino superior, do guia fiel para presentes e futuros.

DE MACHADO DE ASSIS:

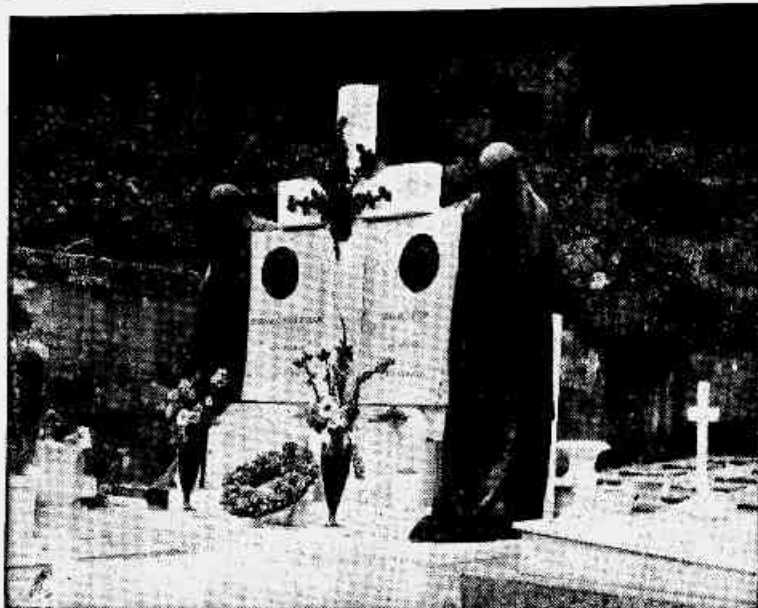
Naquele eterno azul, onde Coema,  
Onde Lindoia, sem temor dos anos,  
Erguem os olhos plácidos e ufanos,  
Também se ergue a límpida Iracema.

Elas foram, nas asas do poema,  
Cantadas pela voz de americanos,  
Mostrar às gentes de outros oceanos  
Joias do nosso rutilo diadema.

E, quando a magua voz inda afinava,  
Foges-nos, como se a chamar sentiras  
A voz da glória pura que esperavas.

O cantor do Uruguai e o dos Timbrás  
Esperavam por ti, tu lhe faltavas  
Para o concerto das eternas líras.

# As reliquias de José de Alencar



Nestes dois "clichês", estão as últimas reliquias do criador de Ceci e de Iracema: um deles nos apresenta a máscara mortuária do romancista; o outro nos mostra o túmulo em que ele dorme o seu eterno sono, na necrópole de S. João Batista.



## José de Alencar, teatrólogo — "MÃE" (Cena final do ato terceiro)

CENA XIII		JORGE	Morta!...	JORGE	JORGE
DR. LIMA, GOMES e JORGE	Acabe, senhor!...	GOMES		ELISA	Fala! Fala!
JORGE	Esse casamento não é mais possível!	JORGE	Minha boa Joana!...	JOANA	JOANA
Viu-a, doutor?... Não a encontrei!... Procurei tudo!	Ah!	DR. LIMA	Escute, láia, Elisa... É a última coisa que lhe peço... Já lá há de fazer meu nhonhô muito feliz!... Me promete?... Queira a ele tanto bem, como Joana queria... Mas, nem láia nem ninguém pode... não!...	JOANA	É um atrevimento!... Mas eu queria antes de morrer... beijar sua... sua testa, meu nhonhô!...
DR. LIMA	Por que razão, sr. Gomes?	JORGE		JORGE	Muel!...
Sossegue, Jorge! Deve ter saído... Ela nada sabe ainda! Seja prudente... Não lhe anuncie de repente!... O choque pode ser terrível!...	Porque não reneguei minha mãe.	GOMES	Minha mãe!... Porque foges de teu filho, apenas ele te reconhece?	JOANA	Ah!... Joana morre feliz.
JORGE	Sr. Jorge, eu o estimo... porém...	JORGE	Adeus, meu nhonhô... Lembre-se às vezes de Joana... Sim?... Ela vai rezar no céu por seu nhonhô... Mas antes eu queria pedir...	JOANA	Abandonando seu filho
Não me sei conter!... Quero abraçá-la!... Minha mãe!... Que prazer supremo que eu sinto em pronunciar este nome!... Partee-me que aprendi-o há pouco!...	Tem razão, sr. Gomes!... O senhor me julga indigno de pertencer à sua família porque eu sou filho daquela que se vendeu para salvar essa meama honra em nome da qual me repele!	GOMES	Que, mãe? Pede-me!...	JOANA	Nhonhô!... Ele se enganou!... Eu não sou tua mãe, não... meu filho (Morre).
Sr. Jorge.	Max não é... não!... Eu juro...	DR. LIMA	Nhonhô não se zanga?	JORGE	JORGE, de joelhos
Ah! desculpe... Esqueci-me que estava aqui... O que acabo de saber...	Joana!... Deus nos ouve!	JOANA	Eu sou teu filho!... Dizel!... Uma vez ao menos... este nome.	JOANA	Minha mãe!...
Penalisa-me bastante, creia.	Por Deus mesmo... E'le sabe porque digo isto!... Por Deus mesmo... juro... que... Ah!...		Ah!... Não!... Não posso!	ELISA	E minha, Jorge!...
JORGE				GOMES	Ela abençõe tão santa união!...
Como, sr. Gomes?				DR. LIMA	E me perdõe o mal que lhe fiz!
GOMES					
Sinto muito, porém... O senhor compreende a minha posição... As considerações sociais...					

## JOSÉ DE ALENCAR, POETA

(Continuação da página 7)

e no Pará árvore de leite, da família dos sapotáceos. O leite tem todas as qualidades do leite animal.

V. 372 As vestes encontravam-se teidas  
Na casa da marinha  
A árvore das canôas, embutida, da qual se tiram panos de 5 a 6 pés de largo. Vide Gabriel Soares, Roteiro do Brasil, Marinha segurada Humboldt II vol. pag. 184.

V. 373 Uma palmeira só dava à família  
Arroz, nonbra, alimento, fogo e vinho, etc.  
"É curioso ver na mata basco, gene, da civilização, a existência de toda uma povoação depender de uma só espécie de palmeira; a semelhança dessas insetos que se nutrem exclusivamente de uma flor, ou de uma mesma parte de um vegetal."

Humboldt, V. au N. C. 30 vol. pag. 385.

A palmeira a que se refere Humboldt é o mureti, de que os indígenas tiravam vinho, farinha, fios para a rede, e folhas para cobrir as cabanas, pelo que a chamavam — árvore da vida.

V. 386 A grade que em Tamandaré surgindo  
Da viagem das léguas...  
Tamandaré é o Noé dos Tupis. Segundo a tradição salvou-se no arco de uma palmeira. J. de Vasconcelos pag. 48.

T'-amara-ri — o que veio depois da chuva

V. 420 As terras dos Oromos, gentes bárbaras.  
Os Oromos — Tribu da grande nação Yurakara, pertencente ao ramo Antiano da Joca Ando-Pe ruviara. Essa tribu habitava os Andes Orientais, nas cabeceiras dos rios Para e Ucayali afluentes do Solimões ou Amazonas.

Os Yurakaras eram de grande estatura; mediam 1 metro e 70 centímetros, 5 pés e 2 polegadas.

V. 422 Correu a flecha, nuncia do combate  
Gumilka, no seu Orenoco, trata da irmandade das nações indígenas para a defesa comum. Os menasaginos, diz ele, dão aviso da guerra em silêncio, deixando uma flecha cravada em lugar público. Este aviso chama-se correr a flecha.

V. 423 O trocano mandou às longas tabas  
A voz do chefe.  
Trocano, diz Ferreira, era o instrumento de guerra de quase todos os gentios do Pará, como a havia na aldeia antigamente chamada de Trocano, hoje vila de Borba. Serve às gentes de caixa de guerra para as suas chamadas e também para

os avisos que de parte a parte fazem umas e outras aldeias quando há novidade que participar aos aldeões que estão mais distantes. De sorte que a primeira aldeia que ouve o sinal do Trocano o participa à outra, sua imediata, fazendo o mesmo sinal e assim em breve tempo se avisam ainda as que estão mais remotas. Gonçalves Dias — Dicionário Tupi.

V. 436 O prudente Iruana, e grande chefe  
Iruana, derivado de I-rub-rana — Ele há de ser pai, na língua tupica.

V. 437 Solta da guerra a mirahi soberbo  
Mirahi — significa em Guarani o discurso — Gumilka — O Orenoco, 18 vol. pag. 310.

Mira — multidão, de mirra — floresta.

V. 438 E netos de Tupi, primeiros homens  
Tupi — o Adão dos Tupis.

Ti-yai — primeiro gerado do vento, ou do trovão.

V. 439 Porque se enfure o pequil da mata,  
Pequil — árvore brasileira, cuja flor é escarlate.

V. 440 Aos mancoes trazer nome de guerra  
Nome de guerra — "Costuma-se entre os Tupis-nambás, que todo aquele que mata contrário, toma logo nome entre si, mas não o diz senão a seu tempo, que manda fazer grandes viados". Gabriel Soares, Cap. 176.



# HENRIQUE HEINE

Mucio Loio

No dia 1 de janeiro de 1800, há cento e quarenta e um anos, nasceu Henrique Heine.

Por isso, o grande poeta, que amava sorrir das coisas, costumava dizer que "era o primeiro homem do século".

Pondo de parte qualquer blague, ele foi, realmente, pela maravilha da sua poesia cheia de melancolia e de luz, um dos mais extraordinários homens do seu século.

Mas o delicioso mágico dos "líeds" germânicos teve um destino cheio de desventuras. Sua arte, como escritor, foi delicadíssima e prodigiosa. Tendo nascido na Alemanha, soube levar a tal depuramento o espírito francês que, restando-o, hoje, temos a impressão de que nos achamos diante de um dos mais verdadeiros e ruidosos filhos da França, diante de um irmão autêntico de Voltaire, de Molière ou de Ronsard. Restou, que o amava com ternura, queria que todos se descobrissem diante do admirável estilista de "Reisbilder".

Na introdução que escreveu para esse livro, Teófilo Gautier conta episódios interessantes da vida de Heine.

Os dois poetas se conheceram pouco depois de 1830. Era a época do mais desenfreado romantismo. Longamente peregrina, na Europa, a voz ardente de Victor Hugo, anunciando, no prefácio do "Cromwell", as idéias de uma literatura revolucionária, que usava a derribar os ídolos do classicismo já cansado. Estavam em moda todas as melancolias e todos os "ennuis", que encontravam a sua expressão mais completa em René, criado pelo gênio de Chateaubriand. Era o José dos lares argênteos, dos amores puros à margem dos lagos azuis, dos poetas de longos melancas, sonhando júbilos impudentes, doces visões sorrindo em céus inacessíveis...

O verdadeiro poeta deveria, a esse tempo, ser curvo, ter, na tez, a palidez das magnólias — a palidez dos mármoreos junônios, que a tristeza dos raios do luar houvesse tocado de uma luz de outra vida.

Heine era o contrário de tudo isto. Era um belo e guapo moço, desempenado, forte, alegre. Suas faces rubicundas não tinham um fio de pelo; seus cabelos, crespos, muito louras e rebeldes, não procuravam adquirir o jeito das cabeleiras em moda. Teófilo Gautier o define como "um Apolo germânico".

Era aquela uma fase singular da alma do poeta. Heine mesmo conta que, daquele tempo, era ele o seu próprio Deus. Adorava-se a si mesmo. Nenhuma injúria o atingia, então; nenhuma malícia o feria. Esse cavaleiro anônimo da poesia tinha, aos trinta anos, um desprazo absoluto por quem quer que o procurasse ferir. A seta mais aguda que lhe lançassem não o atingiria. Confessava que, para todos os perfidos, tinha o olhar tranqüilo de uma divindade, certa de que, por maior que fosse a blasfêmia rebeleza, maior ainda seria o biltunho do seu perfido.

Gautier e Heine ficaram amigos desde esse tempo. E



...cipo, cipo e paralisia, perto de morrer

Heine era um estranho espetáculo.

Sua conversa, cheia de fulgor, cheia de graça e de perfídia, era uma maravilha. Mas, também, em certas horas, como ela era indizivelmente melancólica!

Esse poeta criou a poesia mais singular: a poesia da melancolia que sorri de si mesma. Em seus pequenos versos do "Intermezzo", em suas encantadoras poesias do "Mar do Norte", em sua "Alta Trol", achamos o mesmo espírito, esse espírito ao mesmo tempo combativo e adorável: a ternura que tem o pudor de ser ternura e sorri da sua efusão, como os páliques, a ironia beijada por um raio do sol da meiguice mais pura...

Pois igual a essa poesia era a conversa de Heine. E, ao lado disso, que tremendas execuções que ele fazia! Esse príncipe do ritmo não perdoava a malícia e a vaidade dos espíritos vulgares. Em uma de suas crônicas, recolhidas em "Lutecia", encontramos uma execução implacável de Hugo. Se assim sorria, em suas mãos de deus bárbaro, o grande lírico, que havíamos de dizer dos poetas menores, que ele se divertia em espremer em sua prensa de sarcasmo e de flamas redentoras?

Depois Heine sorriu-se de Gautier. Anos passaram, sem que os dois poetas se encontrassem mais.

Um dia, à porta de Gautier bateu alguém. O criado, que recebeu o recado do visitante, comunicou a Gautier que, lá em baixo, estava um estrangeiro, que desejava vê-lo. Gautier mandou entrar o estrangeiro. Apareceu-lhe, então, um homem desconhecido. Era um sujeito curvo e magríssimo, doente, brancas as barbas, uma espécie de devastação humana e ambulante. Chamou o poeta pelo nome familiar: Theo!

Gautier não podia descobrir quem fosse aquele homem. Dado, porém, a intuição com que o tratava, não se deu ao trabalho de conversar com ele. Ao cabo de dois minutos, um lampejo prodigioso de ironia e de graça saía daqueles lábios murchos. Gautier o identificou pela palavra flamejante:

— "Se não é o diabo, é Heine".

E era Heine, mesmo.

Mas como a vida tinha obedecido a uma transformação absurda, naquela magnífica mancha de ouro!

Heine estava, então, no co-

## Heine em português: "O Intermezzo"

Em 1894, estando a "Semana" sob a direção do sr. Max Fleuss, iniciava-se, em suas colunas, a publicação do "Intermezzo", de Heine, feita por vários poetas dos mais ilustres do Brasil. A iniciativa, que era devida a João Ribeiro e Max Fleuss, obteve o maior êxito. Foram as traduções, publicadas, logo depois, em volume, que cedo se esgotou. Em 1902 saiu segunda edição que também está hoje esgotada.

Vamos agora, iniciar a publicação das traduções de Heine que existem feitas no Brasil, e que são muito numerosas. Em primeiro lugar, daremos o "Intermezzo", feito por vários autores, e cujo prólogo é devido a Machado de Assis. (E a iniciativa da "Semana", que vamos trazer ao conhecimento do leitor de hoje). Teremos, depois, esse mesmo "Intermezzo" na tradução de P. A. Gomes Júnior (B. L. Xavier, Rio de Janeiro, 1875). E, enfim, teremos inúmeros versos de outros poemas de Heine.

Aqui vai, pois, em nosso número de hoje, o prólogo do "A Semana".

### PRÓLOGO - Machado de Assis

Um cavaleiro havia, taciturno,  
Que o rosto magro e macilento tinha.  
Vagava como quem de algum noturno  
Sonho levado, trépido caminha.  
Tão alheio, tão frio, tão soturno,  
Que a moça em flor e a lépida florinha,  
Quando passar tropegamente o viam,  
As escondidas dele escarneciam.

A miúdo buscava a mais sombria  
Parte da casa, por fugir à gente:  
Daquela posto os braços estendia  
Tomado de desejo impaciente.  
Uma palavra só não proferia.  
Mas pela meia noite, de repente,  
Estranho canto e música escutava,  
E logo alguém que à porta lhe tocava.

Furtivamente então entrava a amada,  
O vestido de espumas arrastando,  
Tão vivamente fresca e tão corada  
Como a rosa que vem desabrochando;  
Brilha o veu; pela esbelta e delicada  
Figura as tranças soltas vão brincando;  
Os meigos olhos dela e os dele fitam,  
E um ao outro de ardor se precipitam.

Com a força que o amor somente gera,  
O peito a cinge, agora afogando;  
O descorado as cores recupera,  
E o retraído acaba namorado,  
O sonhador desfaz-se da quimera...  
Ela o exita, com gesto calculado;  
Na cabeça lhe lança levemente  
O adamantino véu alvo e luzente.

Ei-lo se vê em sala cristalina  
De aquático palácio. Com espanto  
Olha, e de olhar a fábrica divina  
Quase os olhos lhe cegam. Entretanto,  
Junto ao úmido seio a bela ondina  
O aperta tanto, tanto, tanto...  
Vão as bodas seguir-se. As notas belas  
Veem tirando das cítaras donzelas.

As notas veem tirando, e deleitosas  
Cantam e cada uma a dança tece  
Erguendo ao ar as plantas graciosas.  
Ele, que todo e todo se embevece,  
Deixa-se ir nessas horas amorosas...  
Mas o clarão de súbito fenecer,  
E o noivo torna à pálida tristura  
Da antiga, solitária alcova escura.



Heine, na mocidade (quadro de F. Humpfl)

meço de sua monstruosa agonia de oito anos. As primeiras injúrias da paralisia, que haveria de ser o seu martírio horrível, o Sinai e o Calvário de seus dias, já lhe feriam a alma incandescente.

Tempos depois, o poeta caiu no leito, para nunca mais levantar-se.

E dir-se-ia que a sua decomposição começava ainda em vida.

Suas mãos, durante anos e anos, não puderam mais suar, sequer, a pena com que ele outrora escreveria poemas divinos. Seus olhos não podiam mais ver a luz. As pálpebras, enfraquecidas pela enfermidade, caíam pesadamente sobre eles, vedando-lhes a visão das coisas. Quando algum amigo o visitava ele a custo podia levantar, com o aedo flacuíssimo, a pálpebra morta, para olhar o recém-chegado. E então, que infinita melancolia se estampava no fulgor morto daquelas retinas extintas! Esses tristes eram raríssimos, nos últimos tempos. Heine costumava dizer, quando alguém ia vê-lo, ao fim da sua existência, que esse alguém "se tinha esquecido de esquecer-lo"...

Assim, a vida vingou-se cruelmente daquele homem que tinha cometido, desde o nascer, esse inenunciado crime: o crime de ter gênio.

Poderíamos, também, dizer que Heine se vingou da maldade da vida: e vingou-se tornando-se imortal, na veneração da humanidade...

## Efemérides da Academia

### 1 DE JANEIRO

1893 — Nascimento, em São Paulo, de Paulo Setubal. Ocupou na Academia a cadeira nº 31, que tem como patrono Pedro Luiz e que foi criada por Luiz Guimarães Junior.

### 2 DE JANEIRO

1855 — Nascimento na Chapada, Baía, de Urbano Duarte, criador da cadeira n. 12, de que é patrono França Junior.

### 3 DE JANEIRO

1839 — Nascimento na Vila de Barra de S. João, município de Macaé, província do Rio de Janeiro, de Casimiro José Marques de Abreu. O poeta das "Primaveras", que faleceu aos 21 anos de idade, é patrono da cadeira n. 6, criada por Teixeira de Melo.

1897 — Quarta sessão preparatória da Academia. E' eleita a sua primeira mesa, que fica assim constituída: presidente, Machado de Assis; secretário geral, Joaquim Nabuco; tesoureiro, Inglês de Souza. Os de-

mais cargos são deixados para eleição ulterior.

1918 — Falecimento do Barão Homem de Melo, sucessor de José Veríssimo.

### 5 DE JANEIRO

1711 — Falecimento, na Baía, de Manuel Botelho de Oliveira, autor da "Música do Farnaso". E' patrono da cadeira n. 3 dos correspondentes.

1868 — Falecimento, em Lisboa, onde exercia o cargo de ministro do Brasil, de Antonio Peregrino Maciel Monteiro, Barão de Itamaracá. E' patrono da cadeira n. 27, criada por Joaquim Nabuco.

### 6 DE JANEIRO

1840 — Nascimento, em Lisboa, de Aniceto dos Reis Gonçalves Viana, sócio correspondente, eleito em 20 de agosto de 1910.

### 7 DE JANEIRO

1854 — Nascimento, no Rio de Janeiro, de Manuel Ferreira Garcia Redondo, fundador da cadeira n. 24, que tem como patrono Julio Ribeiro.





# Curso de Estudos da Amazônia

Segunda aula

Professor Angione Costa

Pre-história e arqueologia amazônica

Sou grato à deferência do illustre professor Pio Borges, possibilitando-me o prazer de falar aos professores do Distrito Federal e do Brasil, na campanha educativa pelos problemas da Amazônia, aberta com o nobre discurso do presidente Getúlio Vargas.

Não me é fácil a tarefa, po que a pre-história e a arqueologia amazônica ainda são dois capítulos a escrever. O pouco que se conhece sobre as duas disciplinas, ainda raposo diluído por memórias e estudos de séculos remotos do Brasil e do estrangeiro, geólogos, antropólogos e etnólogos, estudos nem sempre fideis de consultar porque as mais das vezes publicados em compendios de língua estrangeira e de difícil aquisição, quando não em publicações periódicas mais fechadas ainda. A pre-história amazônica constitui, a meu ver, um capítulo da geologia incluído, a rigor, naquela que os geólogos classificam de geologia histórica. Devemos lembrar que a geologia histórica compreende a era cenozoica e estuda os períodos terciário e quaternário subdivididos, por sua vez, o terciário, em plioceno, mioceno, oligoceno e eoceno; o quaternário, em holoceno e pleistoceno, seguido as classificações de Charles Lyell, em 1833; Beyrich, em 1854-1859 e Paul Gervais, em 1860. Esta classificação, feita sob o critério paleontológico, serve para dividir o terciário como a idade das grandes mamíferos, e o quaternário, como a idade do homem.

Para estudar a pre-história e a arqueologia amazônica devemos situar a região onde as duas culturas se defrontam. Precisamente a região amazônica compreende três aspectos fisiográficos distintos: a terra-firme, defendida contra as maiores inundações; a várzea, que submerge em certa parte do ano; o igapó, zona permanente submersa e pantanosa. A terra-firme inclui-se no pleistoceno, era responsável pela formação de quase todas as terras da Amazônia, terras jovens do quaternário, terras de aluvão. A várzea e o igapó, por sua vez, compreendem ainda outras terras mais jovens, produto de sedimentação recente, que o nativo chama tijoco, terras de aluvão classificadas pela geologia como terras de formação holocena.

Nessas diversas formações geológicas há evidências claras de vida da fossil colossais. Nos depósitos do pleistoceno, Diictidion foram encontrados no Pará, nas regiões do Baixo Amazonas, da Prahma e do Tapajós. De eras geológicas anteriores, quando a Bacia Amazônica formava um mar, conhecem-se, igualmente, vários achados fósseis: no rio Acre, por exemplo, entra o rio Branco e o Xapuri, Chondrios colheu restos fósseis de mesosaurus (serpente do mar) e de peixes que, estudados por Agassiz, foram classificados como de formação cretácica. Há igualmente uma fauna abundante representada pelos caracis, crustáceos, brânquios, lamelibrânquios, celâlopedes e peixes ganóides. Mais próximo de nós, isto é, nas formações do terciário, escavaram-se riquíssimos fósseis de mamíferos na região de Pirabas, encontrando-se ainda outros fósseis mais modestos, pela escola de Brasília até as últimas, por onde corre a Estrada de Ferro de Bragança. Também há notícia da existência de grandes mamíferos do terciário em rios da Alta Amazônia.

Neste território humoso, riscado por abundantes cursos de água em todas as direções, os conhecimentos da pre-história até este momento se circunscreveram ao domínio da geologia e da paleontologia. Fosséis animais e vegetais são os testemunhos dessa cultura na planície. Da paleontologia propriamente humana, não há, entretanto, notícia. Quando muito, poderíamos referir-nos à estuária espessa de um crânio de sambaqui encontrado pelo naturalista Ferreira Pena, na região de Salinas, documento lido e mal estudado, que não pode derogar a afirmação. O ambiente físico da Amazônia está demonstrando que a terra era excessivamente jovem, não possibilitou o aparecimento da espécie humana. O homem pre-histórico, contemporâneo do quaternário francês,

não existiu aqui. Quando o homem apressa na planície lá era um ser perfeitamente formado, conduzindo todos os elementos morfológicos do tipo humano atual, indivíduo enigrado, acusando os mesmos traços raciais das tribos que hoje infestam a Amazônia. Pode-se dizer, a propósito, ou os caminhos que abrem na planície os homens da Amazônia. Não se poderá, entretanto, pensar na evidência de qualquer encontro de fósseis humanos que apresentassem os característicos das três ou quatro raças que os pre-históricos descobriram nas cavernas de França. O homem da Amazônia, se pelas suas culturas pode assimilar-se a certas raças da pre-história, do ponto de vista antropológico, é um puro ser contemporâneo da história. E será com a arqueologia que iremos tentar um esboço rápido, para facilitar um conhecimento menos abrangido de incertezas relativo a alguns agrupamentos humanos remotos, que ali melhor material nos deixaram.

E' assim da maior valia o pouco que podemos conhecer sobre a arqueologia amazônica. Arqueologia amazônica e cerâmica. E será também o alicerce hereditário da pre-história. Como as tribos contemporâneas da descoberta, seguidas pelas atuais, se achavam no domínio de velhas culturas, incluem-se, igualmente, os seus achados entre a nossa arqueologia. E necessitaremos de estudar e localizar, por exemplo, a cerâmica de Marajó, tão rica nos detalhes da sua morfologia; a cerâmica bizarra e caprichosa de Maracá; a cerâmica simples e trabalhada de Cunani, e essa outra, tão esquelética e variada, depositada quase a flor do solo, em Santarém. Toda essa arte oleira que, ao lado das líticas, ainda hoje também usadas pelas tribos amazônicas, constitui o mais rico material arqueológico da planície, guarda o segredo relativo ao homem que a construiu, e este segredo é um problema aberto no território arqueológico brasileiro. Realmente, nenhum dos tipos de cerâmica reunidos nos quatro grupos citados, era imitável na Amazônia no tempo da descoberta. Nem naquele século, nem, tão que se lhes seguiram, foi encontrada na planície nenhuma tribu que estivesse na posse daqueles aperfeiçoamentos materiais. Toda a cerâmica confeccionada pelas tribos que dominam a planície, modernamente, difere na qualidade, habilidade e perfeição, dos quatro modelos apontados. Os estudos realizados até o presente, sobre este material tem servido para assinalar, no tempo e no espaço, a profunda diferença que distingue as culturas oleiras atuais daquelas que constituem o nosso principal monumento de arqueologia. E essa diferenciação de culturas é um dos caminhos mais sedutores no território arqueológico brasileiro, porque ela nos fala, precisamente, os homens que primeiro devem ter dominado na planície.

A arqueologia amazônica constitui o elemento principal da modesta arqueologia do Brasil. No dia em que ela for estudada como nos desejamos e a sentença, seguramente muitos conhecimentos relativos às origens do indígena brasileiro serão modificados. O estudo da arqueologia pelo método tipológico poderá esclarecer ramos obscuros da nossa etnologia, encadeando ou dissociando culturas oleiras semelhantes existentes no continente, que, por um processo de emigração ou de aculturação, são atualmente apresentadas como formadoras dessas grupos culturais. Só assim poderá vir a procedência na origem desses remotos povoadores de áreas tão esparsas da Amazônia, e pelo mesmo processo estabelecer ou não o grau de parentesco ou consanguinidade dos grupos que primeiro ali chegaram em face das tribos atuais.

## PEQUENA BIBLIOGRAFIA INDISPENSÁVEL

Geologia do Brasil — Avelino Inácio de Oliveira e Othon Henry Lennardos — Rio de Janeiro, 1940.  
Geologia do Estado do Pará — Dr. Friedrich Kater, tradução de Frei Hugo Menes — Pará, 1929.  
Introdução à Arqueologia Brasileira e Migração e Cultura Indígena — Angione Costa — São Paulo, 1934 e 1938.  
Arquivos do Museu Nacional — vols. I, IV e VI — Rio de Janeiro — 1876, 1885, 1886.



## JOSÉ - Carlos Drummond de Andrade

E agora, José?  
A festa acabou,  
a luz apagou,  
o povo sumiu,  
a noite esfriou,  
e agora, José?  
e agora, Raimundo?  
e agora, você?  
você que é sem nome,  
que zomba dos outros,  
você que faz versos,  
que ama, protesta?  
e agora, José?  
Está sem mulher,  
está sem carinho,  
está sem discurso,  
já não pode beber,  
já não pode fumar,  
cuspir já não pode,  
a noite esfriou,  
o dia não veio,  
o bonde não veio,

e o riso não veio,  
não veio a utopia  
e tudo acabou  
e tudo fugiu,  
e tudo mudou,  
e agora, José?

E agora, José?  
uma doce palavra,  
seu instante de febre,  
sua gula e jejum,  
sua biblioteca,  
sua lava de ouro,  
seu terno de vidro,  
sua incoerência,  
seu ódio — e agora?  
Com a chave na mão  
quer abrir a porta,  
não existe porta;  
quer morrer no mar,  
mas o mar secou;  
quer ir para Minas,

Minas não há mais!  
José, e agora?

Se você gritasse,  
se você gesticulasse,  
se você tocasse  
a valsa vienense,  
se você dormisse,  
se você cantasse,  
se você morresse...  
mas você não morre,  
você é duro, José!  
Sozinho no escuro  
qual bicho do mato,  
sem teogonia,  
sem parede nua  
para se encostar,  
sem cavalo preto  
que fuja a galope,  
entretanto forte,  
você segue, José!  
José, para onde?!

# A vida é de cabeça baixa - Alvaro Moreyra

A Colaboração  
de Filobliblion

Achado n.º 5

## NUNCA SE SABE...

Contar a vida é uma espécie de masoquismo. Pelo menos, é um modo humilde de amar essa mulher, que nunca é a mesma, de amar essa mulher por quem, afinal, todos se matam. Eu penso na minha vida como se a acariciasse. A voz com que lhe falo acaba sempre calada num beijo.

— Minha! Quando digo assim, sou eu que me sinto entregue, sou eu que te pertence, minha... minha... minha...

Tudo aparece sem seguimento. Vinte anos... Cinco anos... Quatorze... Cinquenta... Depois... Antes... Uma porta larga na rua da Igreja em Porto Alegre vem na tarde morrendo em Florença, com aquele perfume Enigma, entre sinos, salgueiros, corujas... Corpos saem de paisagens... Paisagens saem de águas... Beleta canta Vidalita numa aula de Direito Civil... Jesus Cristo e Talleyrand param diante de uma vitrina cheia de bonecos... As minhas primeiras calças compridas passeiam pelo último ato da Boêmia... "Salve, Rainha, mãe de misericórdia..." Mae West toca Debussy... Amor, delícia e orgão... Levanto Paris nas minhas mãos pequenas, vejo as máscaras que ouvi em Paris... Renan volta numa rosa... "Trocar tudo que se teve por tudo que se sonhou..." Santa Cecilia... Hamlet... Venus Calipigia... O fim da Casa de Bonecas... "O maior dos prodígios!" O começo da Bíblia: "No princípio Deus criou o céu e a terra..." Não foi o padre Manuel Bernardes que descobriu? "Das tristezas não se pode contar nada ordenadamente porque desordenadamente acontecem elas". Das tristezas e dos intervalos.

Também nunca se sabe se as coisas acontecem quando devem acontecer.

Viver é misturar...

## "A LENDA DAS ROSAS" E Remy DE GOURMONT

Deixei a "Fon-Fon" por causa da "Seleta". Foi depois do aparecimento dessa revista na mesma empresa, pelo aumento do meu trabalho sem resultado para mim, e pelo aumento do capital dos patrões com resultado para eles, que eu descobri a minha vocação de pobre. Daí em diante, tenho me consolado em ser uma ponte por onde o dinheiro passa, suspira e lá se vai. Não volta mais. Um trânsito, afinal de contas, divertido.

A falta de emprego, em 1916, me deu Remy de Gourmont, bôa vida. O que eu não ignoro, devo a Remy de Gourmont. E "A Lenda das Rosas", escrita durante as férias de graça ainda hoje vale por todos os "week-ends" que eu não posso fazer...

## DESENTENDIMENTO

Na sua seção d' "O País" — "Pall-Mall-Rio", que ele assinava José Antonio José, Paulo Barreto publicou uma nota sobre "A Lenda das Rosas", exagerada pelo bem que me queria. No mesmo dia, "A Noite" trouxe esta carta de Maciel Junior, com o título "Em defesa do Rio Grande do Sul":

"Sr. diretor da "A Noite" — Não morrerei sem o meu protesto os seguintes tópicos, da crônica do "País", de hoje, intitulada "Pall-Mall-Rio", a propósito de um livro de versos do insuperado vate gaúcho Alvaro Moreyra:

"O espantoso é que esse artista tão pessoal, tão delicado, tão fino, tão sensível e tão profundo, tenha nascido numa terra de escândalo violento da paisagem, de "parvulus" opacos e de pernosticismo amalantrado. Mas, como as exceções não a força das regras, Alvaro Moreyra deu ao Rio Grande do Sul o prazer de ter nascido lá..."

"José Antonio José" é "João do Rio", Paulo Barreto, no dizer corrente dos "encantadores". Temos, assim, a blasfêmia, injusta e injustificável, contra a cara terra riograndense, na boca de ouro de um dos imortais da Academia.

Por que? Talvez o próprio "João do Rio" não o saiba, porquanto há bem poucos dias, naquela mesma originalíssima coluna, x. s. declarava, muito espontaneamente, ser "quase riograndense"!

Seja lá como for, o certo é que o ilustre escritor não tem o direito de assim imprecar contra o meu torrão natal, a menos que queira fazer praça de ignorância ou de má vontade sistemática.

O "pernosticismo amalantrado" tem o seu berço alheios, e não lá, onde da simplicidade de costumes ainda restam vestígios fortes, que o tempo mau já de todo varreu nossas bandais; e Alvaro Moreyra, por ser um delicado artista do verso, não é, contudo, o único rebento que as musas dos pampas acarinharam, ao nascer.

Pediria eu ao ilustre Benjamin do Silogeo que, de outra feita, fosse para com o Rio Grande menos agressivo e mais susceito.

Agradecendo, sr. diretor, o acolhimento que dará a estas linhas, subcrevo-me, muito grato, etc. — F. Antunes Maciel Junior — 10 de agosto de 1916".

Da longa resposta de Paulo Barreto, copio:

"Eu não posso agredir o Estado do Rio Grande do Sul: 1.º — Porque não o conheço, não o vi e não seria apenas um cretino se descompusesse um Estado inteiro, sem motivo; 2.º — porque, sendo eu de uma família que está na história da formação heróica do Rio Grande, desde antes da independência, e sendo o seu único descendente direto na linha masculina, seria um pastar-se pelo Rio Grande não tivesse a simpatia moral e se chamasse os meus parentes de nomes desagradáveis; 3.º — porque até hoje, entre os riograndenses visíveis, — daqueles de que não sou camarada, sou, pelo menos, admirador cheio de simpatia; 4.º — porque, se me atacassem a estupidez para descompor o Rio Grande em bloco, eu, que disponho de várias primeiras colunas e escrevo de vez em quando coisas graves, não iria pedir a José Antonio José a final de um desprezível diário mundano para insultar o Rio Grande no elogio de um poeta alemão do mais riograndense, e, como todo riograndense, "bairrista"... Eu falo do Brasil no momento atual. Repetia o que tenho dito várias vezes. Basta notar aquele "escândalo violento da paisagem". Não me consta que o Rio Grande, o pampa, tenha violências de paisagem. Agora o jornalista e não o deputado Maciel sabia mais, que esse trecho, escrito à última hora e não revisito pelo José Antonio José, terminava a sua última oração assim: "Alvaro Moreyra nasceu no Brasil, dando ao Rio Grande", etc. A opinião era quanto ao Brasil e à sua crise atual, sem a odiosidade, sem, como Maciel diz muito bem, "a blasfêmia injustificável" contra um Estado. Não respondo nunca a idéias que formem dos meus

escritos e não faço jamais corrigenda a faltas da minha revisão, porque tenho, infelizmente, já 13 anos de jornalismo diário. Os que escrevem em jornais sabem o quanto são comuns tais erros. Mas a Maciel Junior responde maguado. Não pelas susceptibilidades que a sua interpretação possa trazer — porque Maciel Junior, inteligente, ardente, polido, foi capaz de julgar subitamente idiota quem continuava, pelo menos, com inteligência para ser seu admirador sincero".

## PAULO BARRETO

Os seus últimos meses, tão barulhentos, tão à vista, perturbaram um pouco a lembrança que deveria deixar. Fala-se, quando se pensa em João do Rio, no jornalista. O escritor tem a admiração de alguns escassos leitores. O homem está esquecido. Não o revelaram. Ficou sendo, na opinião maior, um demolidor terrível... papo. — e um mestre prático de maus discípulos. Sobrou o artificial. O natural, a terra comens. Paulo Barreto nasceu, porque a poesia nele era um estado de nascença, está aqui nesta carta mandada a uma das raras criaturas que não o trataram, nesta pequena carta, irreverente, fantástica, trônica, escondendo a comoda imensa:

"Fazes, hoje, definitivamente vinte e cinco anos. Eu também definitivamente perdi a esperança de te ver com uma pérola que te enlei há dois anos, quando tinhas desolito de idade, única recordação de uma camaradagem louca, que data, como ninguém ignora, do ano 2025 antes de Cristo. Mas a pérola era um anel. Uma senhora sem anéis é uma criatura sem ligações mesmo com os astros. Resolvo, pois, mandar-te com estas flores, símbolos breves das ternuras humanas, dois anéis que não poderei por no prego, mas que tem um grande valor de beleza herméica. O primeiro é um crisópe, a que os russos chamam a pedra da sorte e que foi, segundo ocultistas, o palácio da eterna esperança. O segundo é uma pedra da lua, autora tua e de outros malucos como eu. Usará um na mão esquerda, outro na direita. E quando o ponche da tua carne flambar na noite escura, te erguendo as mãos, agitarás os dois fatores indestrutíveis de todos nós: a esperança remilente e a tua variável. Que seja por toda a vida, embriaguez da terra, Satã da bondade. Com o coração, Paulo."

## A MINHA CELEBRIDADE EM PARIS...

Havia em Paris, na rua Bergère, um hotel que, não sei por que, hospedava principalmente pessoas do Brasil. Entre essas pessoas esteve lá, dona Otília Silva. E, quando esteve, também estavam lá outras pessoas de Porto Alegre. De volta, encontrando minha mãe, dona Otília perguntou:

— Então o Alvaro desmanchou o casamento com a Zaira?

Minha mãe respondeu:

— Não sei...

E dona Otília:

— Pois em Paris não se fala noutra coisa!

## ONDE ESTÁIS? ONDE ESTÁIS?

Meus companheiros da turma de bacharés da Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro, em 1912: Abelardo Alarico dos Reis, Afonso Lopes de Almeida, Alexandre Ludolf, Alexandre Theódin de Siqueira, Aloisio Neiva, Alvaro Batista Oliveira, Alvaro da Silva Vieira, Antônio Antunes de Figueiredo, Antônio Barreto Vinhas, Antônio Dantas Coelho, Antônio Gomes Júnior, Antônio Vieira Braga Júnior, Apolo de Moraes, Antônio Ferreira Romaris, Aristides Freixo Lobo, Arnaldo Bettencourt Belford, Arnaldo Medeiros da Fonseca, Belarmino da Gama e Sousa, Benjamim Reis, Bernardo Garcez, Brasília da Luz Júnior, Cândido Batista Antunes, Cândido Natuidade da Silva, Carlos Augusto Moreira Guimarães, Carlos Schuerin, Castelar da Gama Cabral, Crislido Chaves de Gusmão, Clovis Dunheer de Abranches, Djalma Pinheiro Chagas, Eduardo da Silva Ramos, Eurindo Neves, Evaristo Ferreira da Veiga, Everaldo V. de Miranda Carvalho, Fausto Moreira, Francisco Antônio Munt, Francisco de Assis Vasconcelos, Francisco Baltazar da Silveira, Francisco Cristóvão Cardoso, Francisco Coelho Gomes, Francisco de Castro Soares, Francisco de Paula Santiago, Genesio Cavalcanti, Hugo de Carvalho, Ithiam Marcondes Machado, Ivo Pagani, João Carvalho Santos, João Leão de Faria, João de Oliveira Franco, Joaquim Fonseca Vieira, Joaquim Santos Júnior, José de Araújo Coutinho, José de Araújo Lima, José de Assis Martins, José Ferreira Facó, José Theódin de Siqueira, Luiz Prilo da Silva Pereira, Mario de Deus Fernandes, Manoel Bica de Almeida, Mario do Rego Monteiro, Mario da Silva Araújo, Mario de Souza Magalhães, Moliano Crespo, Olegário da Silva Bernardes, Olimpio Tito Ribeiro, Oscar Jurgila Couto, Omar Murgel Dutra, Oscar Orestes da Rocha, Perseguino Pereira Guimarães, Raul da Costa Bastos, Romualdo Pagan, Rubem Braga, Saverio de Castro Penlagua, Senhorinho Pagan, Serafim Franca, Teodomiro Pena Vieira, Tomé Reis, Victor de Maton Rudge, Virgílio Benevenuto, Virgílio Seabra de Melo, Alvaro Teixeira de Melo, Cleantônio Jquiriqui, Francisco Melo.

Onde estais? Onde estais?

## MORTES

Tenho morrido muitas vezes. Na intimidade. Em público já me aconteceu isso, com um intervalo de dois anos e cinco meses, me capital portuguesa e no extremo norte brasileiro. Li os necrológicos, Fiqui triste. Continuando no mundo, eu ia desaporar os amigos que os escreveram. Nuno Simões, por exemplo, que na "Pátria", de Lisboa, se descobriu "respeitosa e comodamente" diante do meu cadáver, em 15 de agosto de 1923. Por exemplo, Raul de Azevedo que no "Libertador", de Manaus, em 23 de janeiro de 1928, achou que de certo eu devia "ter tido um sorriso quando a morte" me "golpeou".

"Morre muito moço Alvaro Moreyra. E ele nos deixa uma profunda, uma grande, uma intensa saudade".

Depois, abracei aqui Nuno Simões, de vós por... Com Raul de Azevedo ainda vivo, de quando em quando, no mesmo ómbus, e ele não se assusta...

Entretanto, agora, ando me sentindo um pouco fantasma... Há de ser do tempo.

O coronel de engenheiros Antônio José da Silva Paulist serviu na capitania da Ceará durante o governo de Manuel Inácio de Sampaio e Pina (depois primeiro governador de Lançadã, de 1812 a 1819, como seu ajudante de ordens. Foi por determinação desse governador que levantou a carta topográfica da capitania, gravada na biblioteca do Arquivo Militar, em 1818, da qual possui um exemplar a Biblioteca Nacional, bem como cópia feita à mão, mais perfeita e digna de apreço, com a planta da vila da Fortaleza. A Paulist atribuiu-se a autoria da "Descrição Geográfica abreviada da Capitania da Ceará", que o conselheiro Tristão de Alencar Arraipe divulgou na "Revista do Instituto Histórico", tomo L.X, parte I, p. 76-101; fazendo-o, com o alto critério de investigador consumado que era o conselheiro, notou que a letra dos palmários que davam a autoria ao coronel, não era de caráter igual ao da letra do título e do corpo de memória, que a evidência mostrava ser mais antiga.

A "Descrição Geográfica" é um dos documentos mais interessantes que se podem consultar sobre a vida e as relações com o mundo da época passada, em relação à sua geografia, geologia, clima, população, indústrias, agricultura e indústria; as áreas, que faziam o território, língua e autor a conta do "mal entendido sistema em agricultura de destruir todas as matas para semear novos terrenos, onde há plantações, o abito de lavar por terra as áreas para colher os frutos da mata que as abelhas não fabricam..."

O espetáculo lastimoso da retirada das populações do interior para a beira do mar, no rigor das secas, deixando pelas estradas calcinadas os corpos dos que não resistiram à fome e à fadiga, descreve o autor com uma simplicidade que não deixa de ser comotiva. Na Espanha seca de 1796 e 1791 (escreve ele), "muitos trouxeram o meio de não se matar, bolacha..."

Paulist é um dos primeiros a citar o Ceará com a ajuda do governador Sampaio e Pina, em janeiro de 1818: em 1821 era comandante militar em São Borja, onde o encontrou o naturalista Augusto de Saint-Hilaire, que ali permaneceu de 18 de fevereiro a 1 de março (veja-se "Voyage au Rio Grande do Sul", de Saint-Hilaire, Paris, 1827). Saint-Hilaire fez com ele boa amizade e o levou sem restrições. O coronel por lá realmente boas letras; mas Alencar Arraipe teve razão ao "mudar a pri e a suplicia a respeito de autor da "Descrição Geográfica", que lhe conferiram, e que depois se verificou-se, por ser o primeiro a fazer o modo de não se matar, bolacha, de Antônio Rodrigues de Carvalho, natural do Rio de Janeiro, era Rodrigues de Carvalho filho de João da Gama, Pernambuco, desde 1808, quando em outubro de 1814 foi nomeado ouvidor da comarca do Ceará. O governador Sampaio e Pina recusou-se a dar o imprimatur à carta de nomeação, por não trazer a fé do juramento do bacharel. O ouvidor Rodrigues de Carvalho, em 30 de março de 1817, foi preso como revolucionário e aderente às idéias dos republicanos de Pernambuco; um mês depois era remetido para Lisboa, embarcado na galera "São José Jequi", e a 1 de junho, er 40° de latitude, escreveu ao ministro Targui (barão de São Lourenço), longa carta, em que narrou as circunstâncias da sua prisão. Livre de culpa e pena, Rodrigues de Carvalho foi deputado à Assembleia Constituinte de 1823 pela província do Ceará, senador por essa província em 1826, primeiro presidente de Santa Catarina, e acabou ministro do Supremo Tribunal de Justiça, até falecer no Rio de Janeiro, em 3 de janeiro de 1841, sendo sepultado nas catacumbas da Ordem do Carmo.

Escrevem outros trabalhos, que cita Sacramento Black, "Dicionário Bibliográfico Brasileiro", III, p. 321: junta-se a "Descrição Geográfica", e fica sua ficha completa. Mas corrige-se a naturalidade e data do falecimento, "até lá".